

Os sentidos patrimoniais na periferia

inventário de referências culturais
para São Miguel Paulista

1

Os sentidos patrimoniais na periferia

inventário de referências culturais para São Miguel Paulista

caderno 1

Yasmin Darviche

orientação

Prof^{fa}. Dr^a. Flávia Brito do Nascimento

Trabalho Final de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

São Paulo | julho, 2017



Onde fica a cidade quando se mora do outro lado
da cidade?

Onde fica a cidade quando se mora do outro lado
da cidade?

Onde fica a cidade quando se mora do outro lado
da cidade?

Por que algumas partes da cidade são mais cidade
do que as outras partes?

Por que algumas partes da cidade são mais
cidade...

[...]

Um lado é a cidade

I love SP

O outro?

O outro é...é...

Posso falar?

A cidade?

Sim, a cidade!

É sobre isso mesmo

São Paulo é imensamente grande

[...]

Há muros invisíveis por toda a cidade

É possível rompê-los, derrubá-los?

[...]

Há uma cidade no avesso inverso da cidade

Há uma cidade que se chama São Paulo

Há outra cidade dentro dessa cidade

Que não é só o outro lado da cidade

É a maior parte da cidade

É praticamente um mundo

De tijolos e janelas abertas

E se mantém de pé

Periferia

Itinerários múltiplos

Histórias diversas

Violações constantes

Paixões tantas

Mas não acabaram os muros invisíveis

Dentro e fora da cidade circunscrita

E nem sabemos quando irão acabar

SPeriferia

Jenyffer Nascimento

Agradecimentos

À professora Flávia Brito, pela orientação minuciosa, extremamente dedicada, e pela sempre disposição de ajudar em tudo. Por ter aceitado desde o início a proposta e adentrar comigo nesta “outra cidade”.

Às orientadoras metodológicas Fernanda Fernandes, Maria Lúcia Bressan, e em especial à professora Beatriz Kühl, também pela orientação do meu primeiro trabalho de pesquisa na FAU. E desde já aos professores da banca, Simone Scifoni e Fernando Atique, por aceitarem contribuir com esta reflexão.

A todos do Centro de Preservação Cultural da USP, em especial à Mônica Junqueira e Sabrina Fontenelle, pela oportunidade de estar neste importante espaço e contribuir um pouco com a preservação da Casa de D. Yayá. E a todas as estagiárias, pelas conversas, risadas e aprendizado diário.

Ao Grupo Ururay, pelas incontáveis e preciosas contribuições desde o início deste trabalho. Em especial ao Lucas Florêncio, com quem pude compartilhar as etapas e desafios da pesquisa, pelas conversas e andanças.

Ao Passeando pelas Ruas, pela discussão de patrimônio e cidade que engrandeceram minhas reflexões. Em especial ao Philippe Arthur, pelas trocas de experiências, esperanças e pela oportunidade de esboçar algumas primeiras reflexões sobre São Miguel antes mesmo da finalização deste trabalho.

A todos os entrevistados, por se disponibilizarem a compartilhar experiências, e praticar a emocionante tarefa da rememoração. Também a todos que viabilizaram estas entrevistas.

À Caroline Ploennes, Flávia Tadim, Gustavo Marques e Larissa Delanez, por me ajudarem na revisão dos textos, produção dos cadernos, mapas e fotos.

À Ana Schacht, Ananda Rodrigues, Cecília Infante, Eduardo Gasparelo, Flávia Tadim, Gabriella Almeida, Guilherme Peres, Gustavo Marques, Gustavo Vanini, Juliana Kimie, Larissa Delanez, Marina Menossi, Renata Antonialli e Vinícius Pavin, queridos amigos que caminharam comigo pela FAU, e pela Sapienza, tornando estes anos de graduação inesquecíveis.

E principalmente à minha família, meus principais intérpretes de São Miguel Paulista. Em especial aos meus pais Rada e Girleide, e meu irmão Munir, por me ajudarem diretamente com as fotos, entrevistas, e reflexões sobre nossa São Miguel. Por sempre estarem comigo e apoiarem minhas escolhas. Muito obrigada!



Sumário

Introdução	9
Capítulo 1	São Miguel Paulista, um bairro da periferia 15
Capítulo 2	Ações e olhares para o bairro 31
2.1 Os tombamentos	34
2.2 Os coletivos culturais	41
2.3 Reflexos na rede social	50
Capítulo 3	A referência cultural como base teórica 57
3.1 O Inventário Nacional de Referências Culturais	59
Capítulo 4	As narrativas dos entrevistados 63
Capítulo 5	Os sentidos patrimoniais no bairro da periferia 81
Considerações finais	97
Relação de entrevistados	100
Referências das imagens	101
Referências bibliográficas	106

Introdução

Este trabalho é uma proposta de entendimento dos sentidos do patrimônio em São Miguel Paulista, bairro da periferia leste da cidade de São Paulo. A escolha do tema é resultado da união de duas motivações: o estudo do bairro onde nasci, e com o qual ainda mantenho muitas relações, e o patrimônio, tema que motivou minha opção pelo curso de Arquitetura e Urbanismo, e pelo qual tenho me debruçado nestes poucos, e iniciais, anos de pesquisa.

Como conhecedora do bairro em nível de habitante, pude perceber que existem uma série de lugares, práticas, edifícios e festas, existentes no âmbito do cotidiano, que se constituem como elementos que integram as formas de identidade dos moradores daquele território.

Em contrapartida, como resultado de pesquisas que fiz ao longo do curso de Arquitetura e Urbanismo, e nos momentos iniciais deste trabalho, foi possível observar a forma como o patrimônio tem sido abordado no contexto do bairro. A análise dos tombamentos - da Capela de São Miguel Arcanjo, do Sítio Mirim, da Chácara Biacica, e do conjunto industrial remanescente da fábrica da Nitro Química - permite a compreensão de como estes reconhecimentos oficiais contribuem para a construção de um discurso sobre o patrimônio de São Miguel Paulista e da metrópole.

Partindo da ideia de como o patrimônio do bairro é reconhecido, e também quais elementos são qualificados como tal, este trabalho se baseia em uma visão ampliada para compreensão do patrimônio. Considerado a partir daquilo que é representante das manifestações culturais dos sujeitos sociais, tentando superar a noção canônica do valor monumental e excepcional dos bens. Seriam somente estes quatro bens culturais os representantes do patrimônio no bairro? Quais são os sentidos do patrimônio para a população de São Miguel? O que a população entende por patrimônio? Como se dá a valoração às práticas, lugares, edifícios e festas do bairro?

A partir do objetivo de compressão do que constitui o patrimônio de São Miguel, para além do que está institucionalmente reconhecido, utilizei-me do conceito de referência cultural como base teórica. Este conceito contribui com a ampliação da noção de patrimônio por permitir a compreensão dos sentidos e os significados atribuídos às manifestações culturais pelos grupos sociais. Justificando a importância dos lugares, festas, edifícios, práticas e saberes existentes no bairro, para as pessoas que as vivenciam, e que ainda não são reconhecidos oficialmente pelo Estado.

A noção de referência cultural, incorporada pelo órgão federal de patrimônio, Iphan, se tornou base para uma política de preservação que pode ter no inventário seu começo. O Inventário Nacional de Referências Culturais, INRC, é elaborado como uma metodologia de levantamento, uma ferramenta de identificação de patrimônio. Esta metodologia, que parte do conceito de referência cultural, foi também uma importante base para esse trabalho.

O INRC tem uma série de exigências a serem cumpridas para que seja reconhecido pelo Iphan. Em linhas gerais, requer um trabalho de três anos de pesquisa e inventariação, levantamento de referências culturais a partir de pesquisa com os sujeitos do território e compilação em fichas de inventário. Mobilizando uma gama de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como arquitetura, história, geografia, antropologia e outras.

Diante disso, se torna inviável a aplicação integral da metodologia no âmbito de um Trabalho Final de Graduação. Me vali de algumas de suas propostas, como a utilização de fontes orais, a categorização das referências, e sua compilação em fichas, dentro das limitações em que o tempo do trabalho e os conhecimentos do âmbito da arquitetura permitiram.

De uma forma geral, a metodologia de estudo se baseou em pesquisa bibliográfica de fontes primárias e secundárias, elaboração de um projeto de obtenção de fontes orais, realização de entrevistas, análise das entrevistas para levantamento das referências culturais, categorização destas referências e produção do inventário. As referências foram agrupadas em cinco categorias, como propostas pelo INRC, sendo elas edificações, lugares, formas de expressão, celebrações e ofícios, que foram apreendidos na realidade de São Miguel Paulista. E estão apresentadas na forma de fichas de identificação, compondo o inventário.

Como edificações foram considerados os edifícios ou conjuntos edificadas cujos espaços são significativos para os grupos sociais. Seja pelo uso que neles se realiza, ou realizava. São representados por edifícios religiosos, cinemas, sedes de organizações de moradores, escolas, mercado, hospitais, centros de cultura, e outros. Considerados por sua dimensão cultural, não por critérios estéticos ou estilísticos.

Como lugares, foram considerados aqueles espaços referenciais de sociabilidade para a população, em sua maioria são historicamente importantes para o bairro, seja por seu uso, forma, ou por estruturar as relações de identidade da população. São no geral ruas, avenidas, praças e vilas.

Como formas de expressão foram considerados os meios pelos quais determinados grupos se comunicam ou comunicavam. Representadas por greves, jornais, partidos políticos, ritmos musicais, e outros.

Como celebrações, estão consideradas manifestações que representam momentos de sociabilidade para os grupos sociais. São principalmente eventos celebrativos de datas comemorativas, e festas organizadas para manutenção de uma cultura específica de um grupo, como é o caso de celebrações da cultura japonesa, árabe e portuguesa, importantes comunidades de imigrantes no bairro.

Como ofícios foram consideradas as atividades desenvolvidas por um grupo, responsável por construir para este uma forma de identidade. Nesta categoria estão os comerciantes, mascates e algumas categorias de trabalho exercidas dentro da Nitro Química.

Como primeira parte do desenvolvimento foi feito um levantamento preliminar do que poderia constituir as referências culturais do bairro. Com embasamento em fontes bibliográficas voltadas para o bairro, seja com foco na história, como apresentado por Sylvio Bomtempo, ou em questões específicas como a condição dos trabalhadores da Nitro Química, como fizeram Sarah Aziz Rocha e Paulo Fontes, de sua condição de bairro de subúrbio, por Aroldo Azevedo, e periferia, por Tereza Caldeira, e de projetos com foco na preservação dos bens tombados, segundo Antônio Augusto Arantes. Buscando os elementos citados por esses autores como importantes para o entendimento do território. Também foram pesquisados os acervos Memória Votorantim, a Biblioteca Municipal Raimundo de Menezes, em São Miguel Paulista, as bibliotecas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas e da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo.

A partir deste levantamento foi elaborado um projeto de entrevistas, determinando os grupos sociais a serem abordados e os temas a serem tratados. A escolha dos interlocutores respondeu à demanda do levantamento inicial das referências, na busca pelo entendimento de seus sentidos para os grupos, e com isso sua confirmação, ou não, como representantes de sua identidade no bairro.

Entre os selecionados estão antigos trabalhadores da Nitro Química, migrantes nordestinos, do interior de São Paulo, de Minas Gerais, moradores nascidos no bairro, descendentes de portugueses, sírio-libaneses e japoneses. Representados principalmente por antigos moradores, pois foram vistos como aqueles que apresentariam um entendimento dos sentidos do patrimônio em um arco temporal mais amplo, ao longo do crescimento do bairro. É sabido que tanto pela metodologia de aplicação do INRC quanto pela própria amplitude do bairro, densidade de ocupação, e multiplicidade de manifestações culturais, a amostragem de pessoas que tomei como interlocutores não representa a totalidade das questões do bairro. Acredito que talvez isso não seria possível. Entretanto, elas foram importantes dentro do conjunto de referências que levantei, apresentando reflexões sobre seus valores e significados.

Em uma tentativa de complementação das entrevistas formais, foram realizadas conversas informais com amigos e familiares. Essa outra forma de aproximação aos sujeitos foi vista como uma alternativa para entender como algumas das referências levantadas são interpretadas, sem necessariamente realizar entrevistas formais.

As considerações sobre os sentidos patrimoniais no bairro, como objetivo do trabalho, foram possibilitadas pela análise a partir da historiografia, da consideração de ações institucionais e de coletivos sobre o patrimônio, dos depoimentos dos moradores, e do próprio inventário de referências culturais, onde as fichas de identificação estão apresentadas. Isto compõe o produto desta pesquisa, separada em dois cadernos.

O primeiro caderno apresenta as bases conceituais, os caminhos e reflexões sobre o inventário elaborado. No primeiro capítulo desenvolve-se uma breve análise do bairro como constituinte da periferia de São Paulo, apresentando as bases historiográficas para sua compreensão. Neste, baseei-me principalmente dos estudos de autores como Aroldo Azevedo, Sylvio Bomtempi, Paulo Fontes, Tereza Caldeira, Lúcio Kowarick, Antônio Augusto Arantes, Sarah Aziz Rocha e Luciana Tonaki.

No segundo capítulo reflito sobre os discursos que se constroem sobre o patrimônio do bairro, atentando para ações desenvolvidas pelos órgãos de proteção, Iphan e Conpresp, principalmente, e por coletivos culturais. E como isso se reflete na forma como os sujeitos sociais interpretam essa questão, com uma apresentação sobre a página do Facebook: São Miguel Paulista Blogspot.

O terceiro capítulo é a justificativa da utilização da referência cultural como base conceitual e o meio pelo qual cheguei à referências apresentadas no inventário. No quarto capítulo está apresentada visão dos sujeitos da ação sobre as manifestações culturais do bairro, obtidas através de entrevistas e conversas informais com moradores do bairro. Nesta parte, as considerações feitas por autores como Verena Alberti e José Carlos Meihy, sobre história oral; Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak e Ulpiano Bezerra de Meneses sobre memória; e Maria Cecília Londres sobre as referências culturais, foram importantes bases para reflexão.

O quinto capítulo consiste em uma interpretação do inventário produzido, na tentativa de entendimento do que são os sentidos patrimoniais em São Miguel Paulista, dentro do que foi pesquisado e levantado. Neste é apresentada uma reflexão do que as referências são capazes de dizer sobre o bairro, as pessoas e seu patrimônio.

O segundo caderno apresenta o inventário, organizado através de fichas de identificação das referências culturais levantadas.

O trabalho como um todo problematiza outros sentidos do patrimônio de São Miguel Paulista. Ao longo de seu desenvolvimento ficará clara a importância de dimensões como o trabalho e o cotidiano como constituintes

das relações de enraizamento e identidade com o território do bairro, na sua relação com a metrópole paulista.

As referências culturais mostram também como o passado do bairro está presente nas lembranças, pois muitas delas não existem mais, mas ainda sim são rememoradas como elementos de identidade. As formas de identificação com estas referências são importantes para a reflexão sobre como as modificações que o bairro tem passado, os discursos oficiais de patrimônio, e os tombamentos contribuem com o apagamento de manifestações culturais não valorizadas. O conceito de referência cultural permitiu, então, o acesso a estas outras dimensões, permitindo o olhar para os significados e os valores simbólicos que explicam a forma como o bairro e seu patrimônio cultural é interpretado, vivenciado e valorado por seus moradores no tempo presente.



Capítulo 1

São Miguel Paulista, um bairro da periferia

O surgimento e desenvolvimento de São Miguel Paulista já foram retratados pela historiografia a partir de diferentes enfoques. O historiador Sylvio Bomtempo o fez a partir da retomada das raízes seiscentistas do bairro, o geógrafo Aroldo Azevedo discorreu sobre sua condição como subúrbio nas primeiras décadas do século XX. Paulo Fontes, historiador, e Sarah Aziz Rocha, educadora, refletiram sobre a condição do bairro como constituinte da periferia da cidade, em que a presença dos migrantes é elemento fundamental para a compreensão das formas de vida, costumes e tradições que ali se estabeleceram. Ambos enfocaram também as relações de trabalho no bairro, a partir de considerações sobre a condição dos trabalhadores na fábrica da Nitro Química.

O escopo deste trabalho não é reescrever esta história, mas sim retomar algumas destas narrativas na medida em que permitem a compreensão de como foram utilizadas na valorização dada a alguns momentos, lugares e edificações do bairro. Tanto por meio de publicações sobre a história do bairro e seu patrimônio, mas também de ações institucionais como as exercidas pelos órgãos de preservação, principalmente Iphan e Conpresp.

A formação e consolidação de São Miguel Paulista se articula com o desenvolvimento da cidade. Alguns de seus principais espaços, referenciados pela historiografia são elementos inseridos no contexto de formação da metrópole, justificando a dinâmica do bairro como um espaço da periferia de São Paulo.

O primeiro núcleo de ocupação urbana do bairro, representado pelo que hoje é a Praça do Forró¹ se deu a partir da implantação do aldeamento jesuítico, confirmado através da construção da Capela de São Miguel Arcanjo.² A praça, constituída inicialmente como espaço de extensão da capela, se conformou ao longo dos anos como o principal espaço de sociabilidade no bairro, em que sua organização paisagística, com canteiros, passeios, vegetação, e elementos como coreto e lago, a configuravam como espaço de lazer.



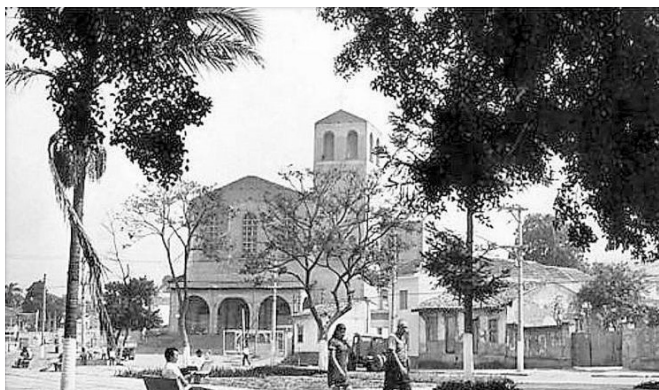
2. Mapa Sara Brasil, década de 1930. Primeiro mapa que mostra com detalhes a ocupação do bairro.



3. Mapa Sara Brasil com enfoque para o entorno da capela.

¹ A Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra foi afetivamente apelidada de Praça do Forró por conta de seu uso para tal prática, iniciada nos anos 1960. Neste trabalho optou-se por referenciá-la por seu nome popular, dada sua importância e carga simbólica.

² Para aprofundamento no tema do surgimento do aldeamento jesuítico, ocupação urbana, construção da capela, e desenvolvimento do bairro desde os primeiros anos de ocupação, ver Sylvio Bomtempo, *O bairro de São Miguel Paulista*, 1970.



4. Praça do Forró na década de 1970, com a Catedral de São Miguel Paulista ao fundo.

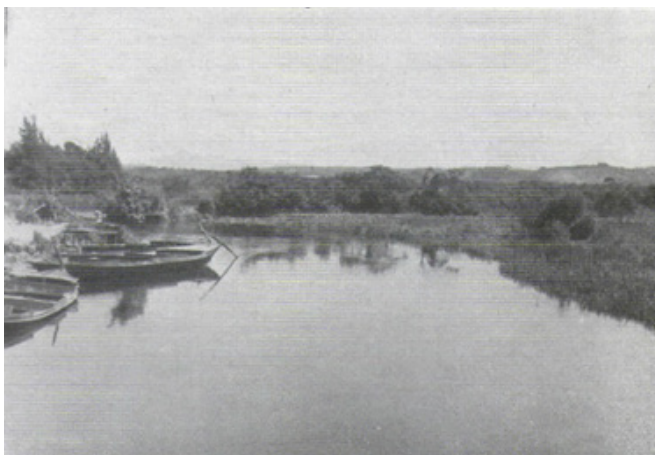
Segundo Bomtempi (1970), a escolha pela fixação do aldeamento próximo ao Rio Tietê permitia a visibilidade de suas várzeas, justificando os objetivos de proteção das chamadas “terras de Ururá”, primeiro nome dado ao território onde hoje está São Miguel Paulista. O rio representava o principal meio de transporte, interligando o aldeamento aos outros pontos de ocupação do território paulista, e à colina. Além de suas funções de proteção e transporte, que denotam a relação do território do bairro dentro do contexto da cidade, sua importância inserida no cotidiano do bairro é um ponto importante para a discussão a que se destina este trabalho. O Rio Tietê e seus afluentes, como o Rio Itaquera, representavam para os moradores um lugar de lazer, onde podiam nadar, pescar, além de ser usado para lavar roupas, e em cujas várzeas desenvolveu-se a prática do futebol.

O rio se manteve como principal meio de transporte até a implantação da ferrovia, inaugurada em 1932. Juntamente com a estação de trem de São Miguel Paulista, compunham a chamada Linha Variante da Estrada de Ferro Central do Brasil, com início na altura da Penha e fim em Poá. Seu traçado, acompanhando o curso do rio, se conformou como importante elemento na paisagem do bairro. A ferrovia representou um dos principais meios de acesso ao bairro no momento em que sua ocupação se tornou mais efetiva, composta especialmente pela população migrante. A estação era o primeiro espaço do bairro com que tinham contato, se configurando como importante referência para estes migrantes.

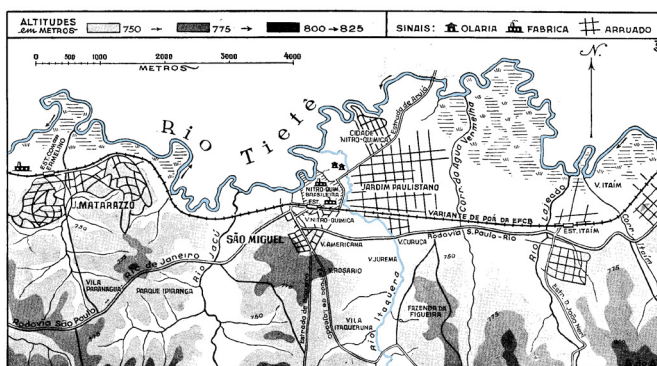
Compondo os elementos estruturadores do território, figura o caminho que interligava São Paulo ao Rio de Janeiro. Denominada inicialmente Estrada São Paulo-Rio, é uma importante via da região, a partir da qual muitos elementos foram construídos, implantados como consequência de sua importância, servindo também para corroborá-la.

Segundo Bomtempi (1970), a Linha Variante e a Estrada São Paulo-Rio se constituíram como dois eixos de expansão da metrópole em direção a

leste, tendo sido os principais elementos norteadores do crescimento de São Miguel Paulista. Eram os meios que o interligavam a outros pontos da cidade, como a Penha, e o centro. Inserido neste contexto, São Miguel se caracterizava pelo que Aroldo Azevedo chamou de subúrbio.³



5. Planície do Rio Tietê.



6. Mapa da região de São Miguel Paulista em 1945, com indicação dos Rios Tietê, Itaquera, e a Linha Variante.

³ Para o autor, o subúrbio é caracterizado por três fatores: a atividade agrícola nas planícies aluviais, do Rio Tietê no caso, a Estrada de Ferro e a Estrada São Paulo - Rio. Ou seja, o que ele chamou de subúrbio são áreas consideradas por sua geografia e função, indicando as funções agrícola, residencial e industrial como as funções principais do subúrbio de São Miguel. Além disso, é importante para o autor a relação que o subúrbio estabelecia com o centro. Separado, porém não independente deste, existia uma inter-relação entre estes espaços, uma relação ativa e passiva entre ambos, em que o contato se dava através das atividades econômicas. Era no centro onde ficava a oferta de serviços e comércio em maior escala, e no subúrbio a produção que não podia ser desenvolvida na cidade, a agricultura, desenvolvida nas margens do Tietê. Sua distinção se dava, portanto, por fatores econômicos e geográficos. Para aprofundamento no tema, ver Aroldo Azevedo, *Subúrbios orientais de São Paulo*, 1945.

Dentro do contexto do governo de Getúlio Vargas, inserida em um bairro de infraestrutura escassa⁵, carente em saneamento básico, educação, saúde, segurança e lazer, a Nitro Química proporcionou a instalação de elementos não somente de caráter fabril, mas também de equipamentos voltados ao assistencialismo de seus funcionários.

Foram instalados entre os anos 1940 a 1960, equipamentos como creche e refeitório em 1942, uma escola Senai e um ambulatório em 1943, uma vila habitacional, chamada Cidade Nitro Química, e uma escola dentro desta vila em 1945, um clube de lazer em 1950, uma delegacia em 1952, um hospital em 1955 e uma sede social para o clube em 1964.⁶

Segundo Tonaki (2013), a Companhia Nitro Química Brasileira lançou mão de equipamentos assistenciais com o objetivo de criação de um ideal de “família nitrina” em que seus funcionários se reconhecessem parte do grupo, como sujeitos determinantes no desenvolvimento da empresa. Essa política foi estabelecida de forma tão profunda que o trabalho na fábrica, o clube de lazer, as escolas, creches, hospitais e vila, construídas pela Companhia e sob sua gerência, figuram como os principais elementos de identidade da população do bairro até os dias de hoje, constituindo grande parte das referências culturais apresentadas.

Entretanto, todos esses equipamentos não existem mais. A partir dos anos 1980 a fábrica passou por uma crise que demandou a reorientação para uma forma mais enxuta nos modos de produção. Nesse contexto, os equipamentos fabris não correspondiam mais a essa nova forma de produção, tendo sido abandonados na medida em que novos eram construídos. Estes antigos equipamentos passaram a década de 1980, 1990 e 2000 em estado de abandono o que causou comoção e revolta da população, tendo sido demolidos no ano de 2009.⁷

⁵Este quadro de carência de infraestrutura caracteriza o bairro durante muitas décadas. Autores como Paulo Fontes, Tereza Caldeira, e Myrna Viana, se debruçaram sobre estas questões. Myrna Viana apresenta um quadro do nível de urbanização de algumas vilas de São Miguel na década de 1980, indicando que ainda naquele momento era grande o número de locais que não haviam recebido nem mesmo serviço de esgoto. Paulo Fontes, *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*, 2002; Tereza Caldeira, *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*, 1984; Myrna Viana, *São Miguel Paulista. O chão dos desterrados: um estudo de migração e de urbanização*, 1982.

⁶Datas de construção obtidas no estudo de tombamento da fábrica, processo n. 2003-0.077.479-2. Conpresp, 2010. Para melhor compreensão sobre a construção, partido arquitetônico e importância destes equipamentos, ver Luciana Tonaki, *A Companhia Nitro Química Brasileira: indústria e vila operária em São Miguel Paulista*, 2013.

⁷O estado de abandono no qual se encontravam os edifícios causaram revolta da população, que organizou um abaixo assinado para pedido de tombamento da fábrica, levado ao Conpresp

Esse processo refletiu-se também na mudança da relação da CNQB com seus funcionários. Distanciou-se do viés populista, representado pela figura paternalista dos membros da família Moraes, José Ermínio e seu filho Antônio Ermínio. Assim, os equipamentos assistenciais também perderam sentido, sendo desativados e demolidos nos anos 1980. O último equipamento a ser desativado foi o Clube e sua Sede Social, no fim dos anos 1990, fato que causou muita comoção dos moradores. Com isso, a Nitro Química deixa de fazer parte do cenário produtivo do bairro.

Segundo depoimentos de entrevistados, o Clube representava o principal equipamento de lazer não somente para os funcionários da fábrica, mas também para os moradores do bairro no geral, local de encontro e sociabilidade aos finais de semana. A Sede Social do Clube foi o único equipamento não demolido, porém se encontra em estado de ruína, sem qualquer atenção por parte da Nitro Química, ainda proprietária do edifício.



9. Creche e parque infantil da Nitro Química. Ao fundo a Sede Social do Clube de Regatas.

A principal mão de obra para a fábrica foram os migrantes nordestinos, mineiros e do interior de São Paulo, principalmente. Atraídos para a cidade pela ideia do progresso e da expectativa de uma vida nova e melhor. Após chegarem à cidade dirigiam-se aos locais onde teriam maior possibilidade de moradia. Nesse contexto, o bairro de São Miguel se tornou muito atrativo

em 2003. Entretanto, no tempo que o processo esteve em estudo, a maioria destes equipamentos foi demolida. A discussão do tombamento da fábrica será desenvolvida no capítulo 2 deste trabalho.

tanto pela ampla oferta de terrenos a baixo custo, que começam a ser loteados a partir da década de 1940, como pela possibilidade de emprego na fábrica.⁸



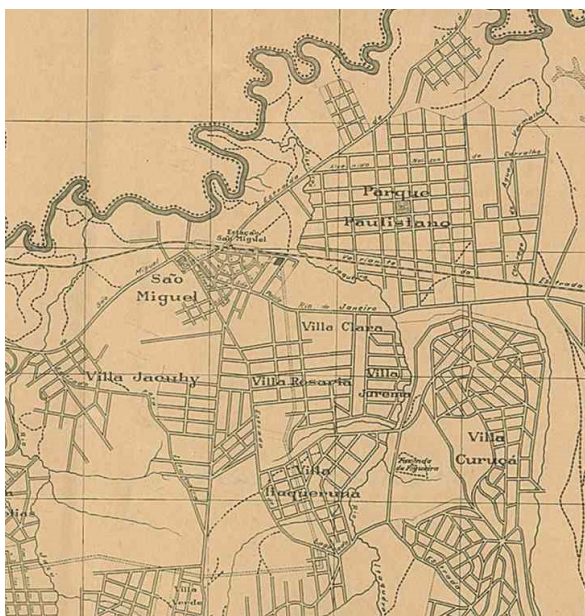
10. Sede Social do Clube de Regatas, sem data.



11. Sede Social do Clube de Regatas, 2017.

⁸ Para aprofundamento nas questões relativas às migrações para o bairro de São Miguel Paulista, ver Paulo Fontes, *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*, 2002; e Myrna Viana, *São Miguel Paulista. O chão dos desterrados: um estudo de migração e de urbanização*, 1982.

Os loteamentos marcaram um momento muito importante para o crescimento no bairro. A grande disponibilidade de terras viabilizava seu estabelecimento, marcando um período chamado por Caldeira (1984) de “fenômeno dos loteamentos”. Segundo a autora, essa ocupação modificou de maneira definitiva a paisagem, representados principalmente pelo Parque Paulistano, a Vila Curuçá, Nitro Operária, e outros. Estabelecidos em regiões próximas aos rios, neste caso afluentes do Tietê, como o Rio Itaquera, como foi o caso da Vila Nitro Operária e Parque Paulistano, visando seu aproveitamento pela população. Segundo Fontes (2002), Viana (1982) e Caldeira (1984), o caráter de ocupação dessas vilas era bastante precário, marcado por ruas de terra, habitações construídas precariamente sob o regime de mutirão e ajuda mútua, e falta de infraestrutura como sistema de água encanada, iluminação e esgoto.



12. Mapa do bairro em 1943, em que é possível observar os loteamentos das Vilas Curuçá, Parque Paulistano, e outras.

Segundo Fontes (2002), estas vilas se conformaram como espaços de sociabilidade, onde migrantes de diversas partes do estado de São Paulo e outros estados do Brasil se encontravam, criando espaços nos quais sua cultura se presentificava através de ressignificações, externadas em celebrações como festas juninas, prática do forró, criação de Casas do Norte e outras. A vida nas vilas, a ajuda mútua, e a troca de experiências criaram importantes espaços de identidade a partir dos quais se conformam referências culturais, como o futebol de várzea, o rio, a forma de viver na



13. Fotografia aérea de 1954. Pode-se notar o traçado dos rios e as Vilas Nitro Operária, Curuçá e Parque Paulistano.

vila, e sua própria conformação física, decorrente do loteamento, baseado geralmente em um sistema ortogonal, com ruas largas e planas, como é possível observar nos mapas das figuras 12 e 13.

O mais importante elemento social destas vilas é o migrante.⁹ Aquele que deixa seu local de origem, atraído pela oferta de melhoramento de vida através do trabalho na cidade, e nessa mudança passa por um processo de reinvenção, a partir da reformulação de seu modo de vida em outro local.¹⁰ Este grupo compõe a principal camada social do bairro principalmente a partir da década 1950, quando as migrações se intensificaram. Representados em sua maioria por nordestinos, conferiram identidade ao bairro a partir das práticas culturais nele ressignificadas. Segundo Fontes (2002), São Miguel Paulista se tornou o bairro nordestino da cidade, e segundo Caldeira (1984), o bairro era conhecido como “Bahia Nova”.

Entretanto, como decorrência dessa concepção, agregou-se a São Miguel

⁹ Segundo Paulo Fontes, com as migrações a população do bairro crescerá em altos níveis a partir dos anos 1940. Apresentando, entre os anos 1950 e 1960 índices de crescimento anual superiores à média do município de São Paulo, sendo grande parte desta população de origem nordestina. Em 1950 a população do distrito era de 16 mil habitantes, sendo 4 mil trabalhadores da Nitro Química, e em 1960 era de 65 mil. Paulo Fontes, *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*, 2002.

¹⁰ *Idem* 8.

o preconceito contra a cultura nordestina, engendrado no contexto geral da cidade de São Paulo, sob a estigmatização como uma cultura inferior, menos nobre. Fato que se refletirá nas relações que as próprias pessoas do bairro mantêm com aspectos desta cultura, como será desenvolvido adiante.

A soma das questões anteriormente mencionadas, atuação da Nitro Química, migrações, imigrações e loteamentos, são os principais fatores indicados pela historiografia como determinantes do crescimento e ocupação de São Miguel. Neste momento, equipamentos como uma escola de ensino primário, o Grupo Escolar Carlos Gomes, instalado inicialmente em uma casa nas imediações da Vila Americana, assim como o Cinema São Miguel, e a primeira sede dos Correios, são alguns dos elementos indicadores de crescimento do bairro.



14. Local onde funcionou o Grupo Escolar Carlos Gomes.

Dentro da dinâmica de crescimento da cidade, principalmente a partir da década de 1950, as relações entre o bairro e o centro passam a ser inseridas em um contexto que se funda na segregação espacial das camadas sociais, caracterizando a partir do conceito de periferia.¹¹ Este conceito explica o crescimento do bairro até os dias de hoje e justifica seu lugar dentro do contexto geral da metrópole.

¹¹ Este conceito foi desenvolvido por autores como Lúcio Kowarick, Nabil Bonduki, Raquel Rolnik, e Tereza Caldeira. De acordo com Raquel Rolnik e Nabil Bonduki, o que caracteriza a periferia é sua constituição como o local onde ocorre a reprodução da força de trabalho, para eles é a territorialização da moradia de trabalhadores pobres. Raquel Rolnik e Nabil Bonduki, *Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho*, 1979. Segundo Lúcio Kowarick,

Neste momento o bairro passou a receber três importantes grupos de imigrantes, inicialmente os japoneses, posteriormente sírio-libaneses e portugueses. Atraídos pelo crescimento do bairro e pelas oportunidades de trabalho.

A ocupação urbana do bairro, resultado de migrações e imigrações, e do processo chamado padrão periférico de crescimento¹², que se insere no contexto de formação das periferias, não é acompanhado pelo fornecimento de infraestrutura. Deixando claro o alto nível de carência do bairro, que cresceu desamparado de elementos que garantissem qualidade de vida para a população.

Nesse contexto, emerge uma elite local que se funda na atividade comercial, e estabelece grande poder sobre o bairro. Este grupo, formado por comerciantes em sua maioria, são os principais responsáveis pela consolidação de uma economia baseada no comércio, caracterizadora do bairro até os dias de hoje.¹³ Na década de 1950 este grupo fundou o Movimento Popular Autonomista, um movimento que previa a emancipação política do bairro. Através dele as carências do bairro em equipamentos de saúde, educação, segurança e lazer foram reivindicadas de forma mais efetiva. Embora a proposta de emancipação não tenha sido aceita pela municipalidade, as demandas por equipamentos foram aos poucos supridas a partir dos anos 1960.¹⁴

A partir deste momento, importantes espaços centrais do bairro, ocupados inicialmente por casas destinadas a diretores e chefes de setor da

as relações ditadas pelo mercado resultarão no surgimento das periferias. Elas são, segundo ele: “aglomerados distantes do centro, clandestinos ou não, carentes de infraestrutura, onde passa a residir crescente quantidade de mão-de-obra necessária para fazer girar a maquinaria econômica”. Lúcio Kowarick, *A espoliação urbana*, 1979, p. 31. Para Tereza Caldeira, a periferia é entendida a partir do binômio loteamentos-autoconstrução, é esse o fenômeno que caracteriza a formação desse tipo de espaço. Tereza Caldeira, *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*, 1984.

¹² Paulo Fontes entende este conceito como a segregação resultante do processo de urbanização da cidade, baseada na intensa e contínua expulsão das camadas populares do centro para as periferias. Entre os anos 1940 e 1980, segundo o autor, esse padrão marcou o desenvolvimento da cidade. As camadas mais pobres da população passaram a morar em locais distantes do centro, onde carência de infraestrutura justificava o baixo valor das terras. Assim, a possibilidade de compra de terrenos para moradia própria ou aluguéis de casas a preços mais acessíveis, atraiu parte dessa população. Paulo Fontes, *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*, 2002.

¹³ Sobre a relação da elite comercial do bairro com o governo, bastante marcada pelo âmbito político, ver Paulo Fontes, *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*, 2002.

¹⁴ Para aprofundamento no tema da formação e luta do Movimento Popular Autonomista, ver Sarah Aziz Rocha, *O bairro à sombra da chaminé. Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Cia Nitro Química de São Miguel Paulista (1935-1960)*, 1992.

Nitro Química, como a Vila Americana, passam a receber edificações voltadas ao comércio. Na década de 1980 uma das ruas desta vila, a Rua Serra Dourada, é transformada em calçadão, se tornando elemento representativo do centro comercial de São Miguel, como apresentados nas imagens 15 e 16. Nesse momento serão construídos o colégio D. Pedro I e o Mercado Municipal de São Miguel, ambos ao longo da antiga Estrada São Paulo-Rio, eleitos tanto pela historiografia como pelos moradores entrevistados como indicadores do crescimento do bairro.



15. Rua Serra Dourada antes do fechamento para instalação do calçadão. Ao fundo o colégio D. Pedro I.



16. Rua Serra Dourada. Calçadão de São Miguel, 2017.



17. Mercado de São Miguel Paulista no período de sua inauguração.

Além disso, algumas vilas começaram a ser asfaltadas, e iniciou-se a instalação de luz elétrica, rede de água e esgoto, elementos indicados através de depoimentos de moradores como marcantes no processo de modernização do bairro. As principais vias como a antiga Estrada São Paulo-Rio, hoje Avenida Marechal Tito, a antiga Estrada do Lajeado, atualmente avenida Nordestina, e a antiga Estrada de Itaquera, hoje Avenida Pires do Rio, também receberam melhoramentos em sua estrutura.

Hoje o bairro de São Miguel Paulista é a representação de todas estas camadas históricas e sociais, em que tensões e conflitos de poder que se fazem presentes na materialidade do território e em suas manifestações culturais. A Praça do Forró, a Estação de Trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, o centro comercial, principal ponto de convergência da população de São Miguel, e bairros próximos. A Nitro Química, cujos remanescentes industriais se fazem presente através de suas chaminés, observadas de diversos pontos do bairro. A presença da cultura nordestina e também das vilas habitacionais, surgidas a partir de loteamentos esparsos que com o tempo acabaram unindo-se por conta do crescimento do bairro. Todos estes elementos são indicados pela historiografia como componentes da história do bairro, e contribuem com a compreensão das atribuições de valor que justificam as ações patrimoniais, como será desenvolvido no próximo capítulo.



18. Vista aérea da região de São Miguel Paulista e distritos adjacentes, 2017.



Capítulo 2

Ações e olhares para o bairro

Em 2015, a agência São Paulo Turismo produziu uma série de dez guias com roteiros temáticos sobre a cidade, com enfoques para a arquitetura, arte urbana, futebol, entre outros. Um deles enfoca a zona leste, propondo um roteiro temático para esta região a partir da seleção de alguns equipamentos nela instalados, como parques, museus e alguns patrimônios reconhecidos oficialmente como a Casa do Tatuapé, a Vila Maria Zélia e o Museu da Imigração. No que diz respeito à região de São Miguel aborda três elementos: o Parque Chico Mendes, o Mercado Municipal e a Capela de São Miguel Arcanjo.

No folheto consta uma breve retomada do bairro, sob o olhar da história oficial, recuperando as origens do aldeamento indígena. Na passagem sobre a capela, sinalizada como um dos principais elementos do bairro, diz:

Um marco da colonização em São Paulo, este é um atrativo de enorme relevância histórica. Erguida no que era o então aldeamento de São Miguel de Ururá, administrado pelos jesuítas, é considerado o mais antigo templo religioso da cidade: a construção atual data de 1622, mas há referências a uma versão anterior entre 1580 e 1584. Feita em taipa de pilão, a obra é atribuída ao Padre João Álvares e ao bandeirante e carpinteiro Fernando Munhoz, com mão de obra de índios guaianases. Atualmente, abriga um programa educativo que conta mais sobre a história da capela e do bairro. (SÃO PAULO TURISMO, 2015, p. 56)



19. Capa do guia turístico produzido pela SPTurismo.

A partir desta descrição é possível observar o que foi eleito para compor o guia turístico de ampla divulgação: São Miguel Paulista do período seiscentista, representado pela a capela, exaltada por suas características materiais.

Outra ação de divulgação da história e patrimônio do bairro foi realizada entre os meses de julho e setembro de 2016: a pintura do muro da Nitro Química. A partir de uma proposta de retratar através do grafite a história do bairro, a pintura retoma a chegada dos portugueses no território brasileiro, passando pelos momentos de catequização dos índios, construção da Capela de São Miguel, da Chácara Biacica, instalação da Nitro Química, da Estação de Trem, retratando os migrantes e imigrantes do bairro, bem como as escolas e equipamentos sociais e de cultura. Esta pintura apresenta, assim como o guia turístico, a uma visão sobre o bairro, sobre aquilo que se pretende mostrar de sua história.

Estas duas ações mencionadas brevemente são exemplos que introduzem a reflexão deste capítulo. A partir da apropriação de um discurso construído sobre o patrimônio de São Miguel, engendrado principalmente pela via do tombamento e corroborado em grande parte pela historiografia, uma série de ações são feitas, demonstrando o quanto desta compreensão do patrimônio, como aquilo que é reconhecido oficialmente, é absorvida pelos sujeitos e se refletem em suas ações.

A reflexão deste capítulo parte de duas formas de olhar e agir sobre o bairro no que se refere ao seu patrimônio. A primeira delas, “de fora para dentro”, representada pelas ações dos órgãos de patrimônio federal e municipal, principalmente, através do tombamento. E a segunda, “de dentro para fora”, representada por coletivos culturais e instituições formadas dentro do bairro e da região leste.



20. Muro da Nitro Química sendo pintado, julho de 2016.



21. Muro da Nitro Química pintado, 2017.



22. Muro da Nitro Química pintado, 2017.

2.1 Os tombamentos

Os órgãos de proteção legal do patrimônio cultural, Iphan, Condephaat e Conpresp, através do instrumento do tombamento, contribuem com a discussão sobre olhares e ações no território de São Miguel Paulista, na medida em que elegem determinados bens culturais para compor o conjunto de edifícios cujas características arquitetônicas e importância histórica os qualificam como patrimônio.

A apresentação dos bens tombados da região é a principal base para a reflexão sobre o discurso oficial de patrimônio no bairro. A ideia aqui não é discutir a validade destas ações, mas sim fornecer insumos para a comparação das diferentes noções sobre o que compõe o patrimônio do bairro e o grau de influência que uma determinação oficial, representada pelo tombamento, tem sobre a apreensão dos cidadãos do bairro sobre este assunto.

Em 1938, ano seguinte da instituição do Decreto-Lei n. 25, responsável por regulamentar o campo do patrimônio no Brasil com o instrumento do tombamento, a Capela de São Miguel Arcanjo é eleita para compor um dos primeiros bens a serem tombados no Brasil pelo órgão federal de proteção, o então SPHAN.¹⁵ A capela foi também salvaguardada pelos órgãos estadual e municipal de proteção, Condephaat e Conpresp, em 1974 e 1991, respectivamente.

A capela, cuja importância foi afirmada pelo arquiteto Luís Saia¹⁶ como um dos exemplares mais importantes para a história do país, se insere nos propósitos daquilo que a instituição pretendia exaltar como representativo do período colonial, elegendo a arquitetura característica deste período como de maior importância, justificando seu tombamento. Nesse sentido, se inserem os tombamentos dos outros dois exemplares do século XVII da região, o Sítio Mirim também tombado nas três instâncias de proteção: Iphan em 1973, Condephaat em 1982 e Conpresp em 1991. E a Chácara Biacara, tombada pelo Conpresp em 1994.

A relação que cada um dos três bens culturais tombados estabelece com os cidadãos é bastante distinta. Enquanto a Capela de São Miguel tem sido monumentalizada, o Sítio Mirim se encontra em ruínas, sem qualquer

¹⁵ Sobre a trajetória da política federal de salvaguarda do patrimônio no Brasil, ver Maria Cecília Londres Fonseca. *O Patrimônio em Processo. Trajetória Política Federal de Preservação no Brasil*, 1997.

¹⁶ Luís Saia, em um artigo para a Revista do SPHAN, discute a presença do alpendre em capelas brasileiras, incluindo a de São Miguel. A existência do alpendre na capela em questão é um dos elementos mais importantes de sua valoração pelo arquiteto. Luís Saia, *O alpendre nas capelas brasileiras*, 1939.

atenção dos órgãos públicos. E a Chácara Biacica, também abandonada e em mal estado de conservação, vê seu entorno se modificar para a instalação de um parque, porém sua inclusão no projeto, restauração e garantia de uso ainda não estão claras, nem mesmo definidas.¹⁷

O tombamento da capela foi a primeira ação patrimonial sobre o território de São Miguel. Ao longo destes quase 80 anos de tombamento, muitos foram os momentos pelos quais o edifício passou, e a forma como foi interpretado, utilizado e vivenciado pela população.¹⁸ Foram momentos de utilização para cultos religiosos, seu principal uso, mas também períodos de abandono, principalmente ao longo dos anos 1970 e 1980, em que foi ocupada por moradores em situação de rua, e outros, que serão desenvolvidos adiante.

Ao longo destes anos, a capela passou por obras de restauração¹⁹, sendo a última delas realizada entre 2006 e 2010, quando foram recuperadas suas condições físicas, e construído um espaço expositivo que propõe “contar a história da capela”²⁰. Um importante partido do projeto de restauro, decidido em conjunto com a associação responsável por sua administração, Associação Cultural Beato José de Anchieta, foi de manter as grades de proteção que a circundam, sob a justificativa de preservação do bem cultural.²¹

Estes fatores podem ser interpretados como um conjunto de ações que constroem uma narrativa sobre a capela, como um elemento que não pode ser tocado, posicionando-a em um patamar acima em que está inserido o cotidiano do bairro. As grades impedem que a capela seja acessada livremente, e assim distancia-se da população, contribuindo para sua monumentalização. Esta ação sobre a capela se refletirá na forma como o tema patrimônio é interpretado pelos habitantes do bairro.

¹⁷ Para aprofundamento das questões relativas à Chácara Biacica, ver Philippe dos Reis (org.), *Passeando Pelas Ruas: Reflexões sobre o patrimônio paulistano*, 2017.

¹⁸ Não é objetivo do trabalho discutir com detalhes os diversos momentos pelos quais a capela passou, porém, uma importante referência para aprofundamento da relação da capela com o bairro é o relatório de Antônio Augusto Arantes, que busca justificar um projeto de revitalização para a capela – será tratado mais adiante –, no fim dos anos 1970. Antônio Arantes, *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*, 1978.

¹⁹ Para aprofundamento no tema, ver Cristiane Gonçalves, *Metodologia para restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975*, 2004.

²⁰ Construída sob uma ótica bastante institucionalizada, replicando uma história oficial construída sobre ela.

²¹ Existentes desde os anos 1980, aproximadamente. Informação obtida a partir de observação de imagens da época, levantadas a partir da análise do processo de tombamento da capela, armazenado no arquivo do IPHAN. Processo nº 0180-T-38.



23. Relação que se estabelece entre a capela a praça atualmente.



24. Anexo construído na parte posterior da capela, dando acesso a ela atualmente.



25. Um dos espaços expositivos da capela.

Além destes três bens que representam o período colonial, foram tombados em 2012 os elementos constituintes da fábrica da Nitro Química. Como mencionado no primeiro capítulo, a CNQB foi responsável pela instalação de equipamentos fabris e assistenciais, que se mantiveram em atividade até meados dos anos 1990, quando a fábrica passou por uma remodelação em seu modo de produção, abandonando aqueles equipamentos mais antigos, que não correspondiam à nova produção. Dessa forma, os edifícios que não foram demolidos, restaram em estado de abandono.

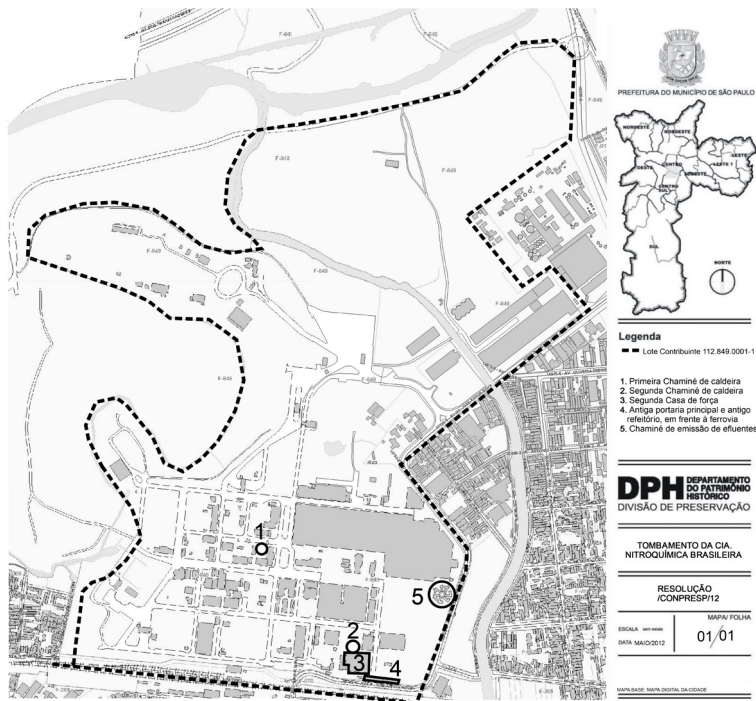
Pela estreita relação que muitos moradores do bairro estabelecem com a fábrica, esta situação causou comoção na população que, através de um abaixo assinado resolveu pedir ao Conpresp o tombamento da fábrica. Assim, no ano de 2003 deu-se início ao estudo de tombamento. O caso ficou oito anos em discussão, período em que a maioria dos edifícios foram demolidos. No ano de 2011 o órgão municipal de proteção determinou a abertura do processo, e no ano seguinte tombou alguns elementos remanescentes da fábrica, como apresentado na imagem 26.²²

Diferentemente dos outros três bens culturais, o tombamento dos elementos da Nitro Química indica uma mudança de visão dos órgãos de proteção, ampliando o objeto e o período temporal. Antes voltados aos bens do período colonial, o tombamento da Nitro Química atenta-se àquilo que marcou o desenvolvimento do bairro no século XX, representado por elementos que fazem parte do período industrial da cidade.

Além da importância de seu tombamento, a origem da demanda pela proteção contribui para a discussão que este trabalho propõe. Diferentemente do tombamento da capela, sinalizada como importante por técnicos do patrimônio, o tombamento da Nitro Química foi solicitado através de demanda popular. O abaixo assinado representou a insatisfação dos moradores em ver edifícios da fábrica serem deixados ao abandono.

Esse pedido mostra a profundidade das relações de pertencimento dos moradores para com a fábrica. A demanda por seu tombamento representou uma forma de preservar a materialidade do conjunto, por sua carga simbólica como elemento representativo de relações que iam além do âmbito do trabalho, se estendendo para a sociabilidade, moldando as formas de vivência dos moradores do bairro.

²² Informações obtidas em consulta ao Processo nº 2003-0.077.479-2 – Companhia Nitro Química Brasileira, no Conpresp, em setembro de 2016.

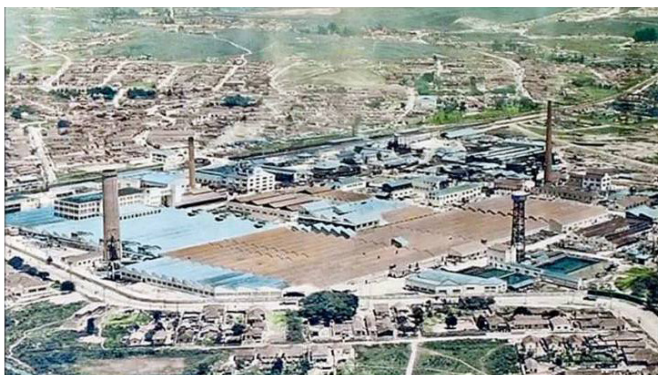


26. Mapa indicativo dos bens tombados da Nitro Química.

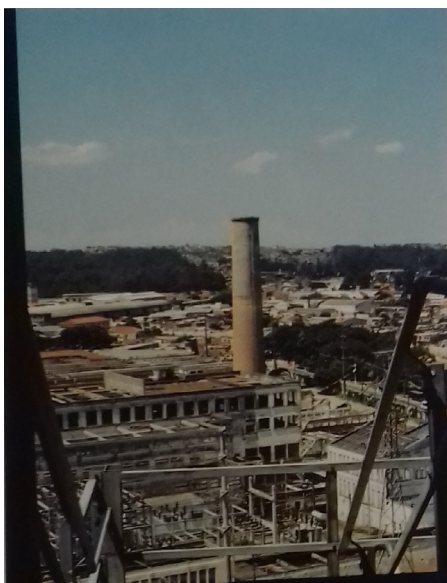
Ainda que tenham passado quase dez anos entre estudo, abertura do processo e tombamento, tempo em que muitos dos edifícios abandonados foram demolidos, esta determinação garantiu a proteção de alguns deles, como as chaminés e a portaria principal (dois importantes elementos da fábrica que compõem a identidade das pessoas do bairro, marcando também sua paisagem).

Entretanto, a escolha dos elementos a serem tombados enfocou os espaços produção, implantados dentro do perímetro de seus muros. Aqueles, além da delimitação do muro, e que não receberam função industrial, como a Vila Nitro Química e a Sede Social do Clube, não foram contemplados. Esta última já se encontrava em ruínas naquele momento, o que coloca em dúvida se o tombamento se configuraria como instrumento que de alguma forma possibilitaria sua recuperação.

De toda forma, o tombamento da Nitro Química confere importância ao bem cultural apresentado pela historiografia e confirmado pelos depoimentos dos moradores como uma centralidade em São Miguel Paulista, elemento que mobiliza as identidades do que significava morar no bairro. Por isso é amplamente retomado nas conversas com moradores, e pode ser entendido como a principal forma de enraizamento da população ao bairro, ainda que não exista mais.



27. Panorama do bairro com foco para a Nitro Química, por volta dos anos 1950.



28. Início da demolição dos edifícios fabris desativados.



29. Situação dos edifícios por volta de 2009, quando começaram a ser demolidos.



30. Configuração atual da Nitro Química, ao fundo, o terreno resultante da demolição dos edifícios fabris antigos.



31. Configuração atual da Nitro Química.

Estes quatro bens representam aquilo que as instituições de preservação elegeram como patrimônio. É possível observar que os bens eleitos fazem parte do patrimônio de cunho material. Seus tombamentos não se justificam pela importância que estes bens estabelecem ou estabeleciam com os grupos sociais, como elementos ligados à memória e identidade, mas sim por comporem a paisagem de São Miguel a partir dos elementos arquitetônicos constituintes do patrimônio industrial, como representantes do momento de industrialização do bairro e da cidade.²³ Até mesmo o tombamento da Nitro Química, ainda que represente uma compreensão mais ampla sobre o patrimônio, voltou-se à materialidade dos elementos fabris.

²³ Conpresp, Resolução 10/2012. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/1012_1339439632.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2017.

Dessa forma, constrói-se um discurso sobre o que é o patrimônio do bairro, sendo o tombamento seu legitimador. Através da apresentação de outros agentes será possível observar a forma como esse discurso é interpretado em ações que partem de coletivos e instituições construídas dentro do território de São Miguel.

2.2 Os coletivos culturais

Além das ações exercidas por agentes externos ao bairro, nas políticas patrimoniais, existem uma série de outras propostas sobre o patrimônio tombado e a cultura, construídas por coletivos e instituições formadas no próprio bairro, ou na região da zona leste. Para esta discussão, foram elencados quatro agentes. São eles: o Movimento Popular de Arte, o Movimento Aliança na Praça, e a Fundação Tide Setúbal que interpretam os espaços do bairro pela veia da cultura; e o Grupo Ururay, cujas ações buscam refletir e defender a valorização e uso dos bens culturais da região leste da cidade. Todos estes agentes mostram outras formas de lidar com o patrimônio reconhecido e com manifestações culturais do bairro, ora confirmando o discurso apresentado anteriormente, ora transpondo suas limitações.

O primeiro deles é o Movimento Popular de Arte. Este movimento surgiu em 1978, tendo atuado inicialmente pela defesa da ocupação da Capela de São Miguel Arcanjo com atividades culturais como apresentações teatrais, musicais, saraus, e outras. Com o objetivo de recuperar o uso da capela, que passara as décadas de 1970 e 1980 abandonada. O MPA fortaleceu-se já no fim da década de 1970 como um grupo artístico da região, ocupando diversos espaços do bairro através da promoção de ações que integrassem a população em projetos de música, canto, dança e outros.

A origem deste grupo tem bases em uma intervenção institucional. A partir de uma demanda do Departamento do Patrimônio Histórico, de propor formas de “revitalização” para alguns patrimônios tombados na periferia da cidade.²⁴ Uma das figuras mais importantes do projeto foi

²⁴ Partindo da consideração que a capela havia, entre as décadas de 1970 e 1980, se mantido fechada, razão pela qual entrou em grande processo de degradação física, esta proposta se insere na consideração que técnicos do patrimônio tinham sobre as periferias, interpretando-as como locais sem cultura que deveriam, portanto, receber projetos que levassem cultura a estes locais. Este projeto em específico propunha a revitalização da capela a partir de seu restauro, possibilitando que voltasse a ter uso. Entretanto a atuação de Antônio Augusto Arantes mudou os rumos do projeto, e possibilitou a organização do Movimento Popular de Arte. Para aprofundamento deste assunto e trajetória do MPA ver Marília Pontes Sposito (coord.), *Memória do Movimento Popular de Arte do bairro de São Miguel: cultura, arte e educação*, 1987; e Antônio Arantes, *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*, 1978.

o antropólogo Antônio Augusto Arantes. Propondo formas de atuação diferentes daquelas previstas pelo DPH, pois entendia a situação da capela como resultado de uma expropriação, considerando que os anos de fechamento resultaram no distanciamento da população local para com o bem cultural. A partir disso, o antropólogo defendeu a ideia que a melhor forma de “revitalizar” a capela seria ocupando seu espaço.²⁵

Arantes foi capaz de reconhecer uma série de manifestações artísticas que aconteciam no bairro, desde grupos de teatro, cantores, poetas, músicos, entre outros, representantes da cena artístico-cultural do bairro. Nesse sentido, o antropólogo trabalhou para aglutinar estes grupos, dando-lhes voz para que juntos determinassem o uso que seria dado à capela.

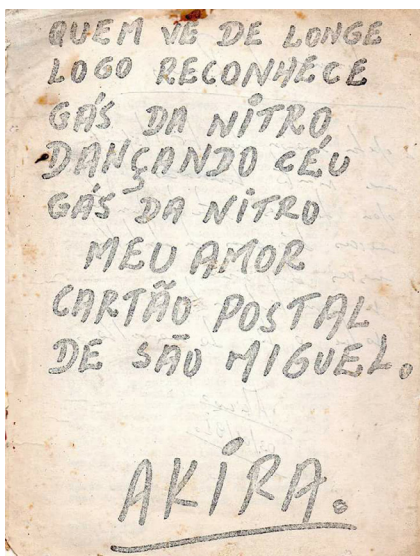
Segundo Arantes (1978) foi proposta a realização de um mês de apresentações artísticas dentro da capela e na Praça do Forró. A capela foi aberta e organizou-se uma “Programação Experimental” durante o mês de dezembro de 1978, em que foram realizadas diversas atividades de dança, poesia, artes, música e teatro nos espaços da capela e da praça, com o objetivo de chamar a atenção da população local tanto para os grupos artísticos existentes na região, como para os espaços em si, no sentido de reaproximar e ressignificar aqueles locais para os moradores. Este movimento foi autointitulado “Movimento Popular de Arte”.²⁶

O movimento foi responsável por viabilizar diversas atividades como apresentações que chamavam atenção para questões do bairro, principalmente sob sua condição de periferia. Dentro da capela esta atuação qualificou-se no sentido de propor um novo uso ao espaço. Fora dela, apresentou-se em espaços como a Praça do Forró, e também em outras praças do bairro, como na Vila Curuçá. Entre 1985 e 1986 realizou atividades em uma lona de circo, instalada em um terreno na Avenida Nordestina, o chamado MPA Circo, como apresentado na imagem 34. Uma forma de atuação importante do grupo era a prática de tocar forró na praça Padre Aleixo, convidando as pessoas para cantar e dançar.

²⁵ Sobre o trabalho desenvolvido por Arantes na capela ver Antônio Arantes, *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*, 1978; *Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*, 1984; e *On the crossroads of preservation: revitalizing São Miguel chapel in a working class district of São Paulo*, janeiro/junho, 2013.

²⁶ Após este episódio, o Departamento do Patrimônio Histórico e a Cúria Metropolitana, responsável pela administração da igreja, decidiram que a capela seria destinada apenas ao uso religioso. Por isso ela voltou a ser fechada, relegada ao abandono ao longo dos anos 1980. Após este momento o MPA prosseguiu no caminho de divulgação de suas manifestações artísticas, porém não se utilizando mais do espaço da capela. Antônio Arantes e Marília de Andrade, *A demanda da igreja velha: análise de um conflito entre artistas populares e órgãos de Estado*, 1981.

O MPA se configurou como um dos movimentos mais importantes que já aconteceram no bairro. Segundo Edvaldo Santana, o grupo de artistas trabalhou de forma independente, sem incentivos externos, divulgando sua forma de expressão através da música, poesia, teatro, entre outros, trazendo à tona questões como as formas de vivência no bairro, a presença da Nitro Química, elementos como o trem, a praça, a capela e outros.



32. Poema “Gás da Nitro”, escrito em 1979 por Akira Yamasaki, um dos poetas que compunham o Movimento Popular de Arte.



33. Apresentação teatral na Capela de São Miguel Arcanjo, 1978.



34. O MPA organizou-se em forma de Circo, entre os anos 1985 e 1986. Nesta foto, Inesita Barroso em apresentação no Circo.

Existem, atualmente, alguns grupos de artistas da região que se expressam de forma muito semelhantes à proposta do MPA. Um deles, chamado MAP, Movimento Aliança na Praça, se constitui de um grupo de jovens artistas da região que realizam atividades em alguns espaços da cidade e do bairro. Segundo o entrevistado Escobar Franelas, a atuação do MAP se assemelha ao que feito pelo MPA. Sua formação, origem dos integrantes, e proposta de reivindicação de espaços do bairro através de manifestações artísticas, em muito retomam o trabalho que o MPA realizou na década de 1980. Utilizam-se da música, da performance, da poesia, como uma forma de luta e discussão de espaços, tratando de temas políticos e sociais.

Por terem crescido em uma outra São Miguel, parte das questões abordadas pelo grupo são diferentes daquelas consideradas importantes há 30 anos. Entretanto, algumas reivindicações ainda são retomadas pelo MAP, como o uso da Praça do Forró. Através de saraus realizados na praça, o chamado “Sarau na Praça”, o movimento defende seu uso. Colocando em discussão as últimas intervenções ali realizadas, suas ações entram em conflito com a gestão da capela, responsável por tentar definir os usos da praça.

A apresentação destes grupos é importante pela forma como reivindicam espaços do bairro. Em muitos casos dessacralizam elementos como a capela, a Nitro Química, a Praça do Forró, mostrando os outros sentidos destes elementos quando vistos por pessoas que fazem parte de seu cotidiano. Demonstram a importância de discutir determinados espaços não com base em sua importância histórica, como a historiografia e os tombamentos têm feito, mas no que representam para as pessoas que o vivenciam cotidianamente. Rompendo, de certa forma, o discurso construído sobre o bairro e o patrimônio.



35. O “Sarau na Praça” organizado pelo MAP, 2017.



36. Ato organizado pelo MAP em reivindicação aos usos da praça, em março de 2017.



37. Reivindicação pelas práticas do forró na praça, durante um ato organizado pelo MAP em reivindicação dos usos da praça, em março de 2017.

Outro tipo de atuação de interesse é aquela exercida pela Fundação Tide Setúbal. Uma organização fundada com o objetivo de desenvolver programas de assistência local, apoiando o desenvolvimento de projetos de diversos tipos com a população, incentivando a participação coletiva na organização destes programas.²⁷ Em 2008 foi responsável pela produção de um caderno intitulado: *Um olhar sobre São Miguel Paulista: manifestações culturais, ontem e hoje*.

O trabalho é resultado de um projeto chamado “São Miguel Paulista e Brasileiro”²⁸, organizando pela Fundação, em que participaram moradores do bairro, como pesquisadores e educadores. Como apresentado no próprio Almanaque, o trabalho “focalizou as manifestações culturais existentes no bairro, com base nos relatos e depoimentos de moradores e produtores culturais” (FUNDAÇÃO TIDE SETÚBAL, 2008, p. 7). Em seu texto de apresentação elege algumas questões como premissas de trabalho, algumas delas são interessantes de pontuar:

O patrimônio cultural diz respeito aos legados das gerações anteriores que fazem com que as pessoas sejam da maneira que são; eles formam os modos de falar, de vestir, comer, morar, festejar, construir, rezar, casar. Pela transmissão de seu patrimônio cultural, os membros de um grupo se reconhecem nas gerações anteriores, das quais receberam essa herança repassada à geração seguinte [...]. Por meio da partilha de um patrimônio cultural comum, as pessoas sentem-se pertencentes a um lugar, a um grupo, a uma história [...]. Na recuperação do patrimônio cultural imaterial de uma comunidade, bairro ou cidade, ganham voz personagens que trazem à tona nossas especificidades culturais e a diversidade de nossas tradições e costumes [...]. (FUNDAÇÃO TIDE SETÚBAL, 2008. p. 2-3)

Este excerto do texto de apresentação mostra que o projeto parte de uma visão ampliada sobre os elementos constituintes da cultura do bairro, apresentando aquilo pertencente às pessoas, seus lugares, fatos, memórias e histórias responsáveis por ligar o passado ao presente, propondo olhar além da materialidade construída, mencionando a importância

²⁷ Como apresentado em seu site: <<http://www.fundacaotidesetubal.org.br/>>. A Fundação já realizou uma série de publicações enfocando questões do bairro como o transporte, cidadania, moradia, patrimônio, educação, entre outros.

²⁸ Este projeto surgiu dentro o Centro de Pesquisa e Documentação - CPDOC - São Miguel, organizado pela Fundação Tide Setúbal. Foi desenvolvido entre 2006 e 2007, em que os jovens participantes trabalharam no sentido de organização de um banco de informações sobre o bairro, buscando fotografias, documentos, e também trabalhando na coleta de depoimentos e entrevistas com moradores, enfocando suas manifestações culturais. A publicação é o resultado deste trabalho.

do reconhecimento do território a partir de relações de identidade. Embora o termo não seja citado, esta consideração vai ao encontro do conceito de referência cultural.



38. Almanaque, *Um Olhar sobre São Miguel Paulista*, capa.

S U M Á R I O	
Introdução	7
Um pouco de história	9
Patrimônio de São Miguel	13
Capela de São Miguel Arcanjo	14
Restauração da capela	15
Sítio Mirim	16
Fazenda da Biacica	17
Praça do Forró	18
Catedral de São Miguel	19
Os povos de São Miguel	21
Um pedacinho do Nordeste	22
Dos mascates à mesquita: os árabes	24
Portuguesa, com certeza	26
Quilombos e tamboures	28
Festa de São Miguel	30
Dos clubes de ruas	31
Festas juninas	32
Caminhada da Ressurreição	33
Fazendo arte	35
Cronologia cultural e artística no bairro de São Miguel Paulista	36
Movimento Popular de Arte	38
Fórum de Cultura	39
O cenário musical	40
Produções literárias	43
A hora e a vez das trupe	44
Um bairro na tela	46
Artes plásticas	47
Os locais das artes	49
Créditos das imagens	56

39. Sumário da publicação.

A partir da apresentação entende-se que este Almanaque proporá a compreensão do patrimônio de uma forma ampliada. As manifestações culturais que apresenta, comparadas ao Guia produzido pela SP Turismo, deixa claro que os elementos culturais de São Miguel vão muito além da capela.

Entretanto, a forma como esta publicação interpreta as manifestações põe em ambiguidade a própria proposta. Através da observação do índice da publicação, como apresentado na imagem 39, as manifestações são divididas em três partes: a primeira, apresentando o “patrimônio de São Miguel”, a segunda enfocando “os povos de São Miguel”, e a terceira apresentando as manifestações artísticas.

Um aspecto a ser analisado são os elementos considerados como patrimônio: a Capela de São Miguel Arcanjo, o Sítio Mirim, a Chácara Biacica, a Praça do Forró e a Catedral de São Miguel. Estão contemplados

os três bens tombados da região no momento da pesquisa, a Catedral de São Miguel e a Praça do Forró. Isto mostra que ainda que se pretenda apresentar as manifestações culturais, a escolha pelo que apresentar como o patrimônio não atinge esta categoria.

Além disso, a forma como apresentam estes elementos indica a absorção do que é retratado pela história oficial, que os qualifica a partir de sua importância no passado e elege o momento em que foram construídos como mais importante para a história de São Miguel.

A catedral, embora não seja tombada é apresentada como patrimônio por suas características artísticas e físicas, seguindo a mesma lógica de caracterização dos outros três bens tombados. Já a praça é o único elemento apresentado que foge à regra, exaltada como local de reunião de pessoas, ressaltando principalmente o uso para a prática do forró, e por isso local de reconhecimento da cultura nordestina.

A publicação reconhece a importância de outros elementos como festas e culturas de migrantes e imigrantes, porém, na hora de mencioná-los, não os inclui dentro do que chamam de “patrimônio de São Miguel”. Esta parece utilizar-se de uma visão de patrimônio como aqueles elementos construídos e representantes de um momento passado, por isso embora os valorize aqueles que estão acontecendo no presente, não os considera como patrimônio.

De toda forma, a apresentação das manifestações culturais justifica sua importância como constituintes da identidade do bairro, apresentando-as como parte do cotidiano das pessoas.

Ainda que a proposta da publicação seja legítima e represente um grande passo na divulgação da diversidade cultural do bairro. Parece estar ligada a uma noção de patrimônio decorrente do discurso construído por parte de instituições de poder, como os órgãos de tombamento.

Em tempos mais recentes, se organiza o Grupo Ururay, cuja atuação se dá diretamente sobre questões patrimoniais da zona leste da cidade. Formado por pesquisadores desta região, o coletivo tem buscado ampliar o debate sobre o patrimônio. Sua atuação propõe a desconstrução de noções que valorizam algumas centralidades do território da cidade em detrimento de outras. Defendendo assim, o uso e apropriação de bens culturais por parte dos cidadãos, sujeitos do território.²⁹

Em 2016 o coletivo lançou uma publicação que busca desenvolver reflexões críticas sobre os patrimônios de quatro subprefeituras da zona leste: São Miguel, Itaquera, Penha e Mooca. Para a discussão, engloba,

²⁹ Para aprofundamento nas ações que o Grupo vem fazendo, ver a página do Grupo Ururay no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UrurayPatrimonio/>>.

em sua maioria bens tombados. Os textos apresentados refletem sobre a relação que os bens culturais estabelecem com o território no qual estão inseridos. Buscando discutir a forma como são, ou não, vivenciados pela população, levantam hipóteses para explicar a maneira como se dá atualmente sua apropriação.



40. Publicação do Grupo Ururay, capa.

Dentre os textos apresentados, um deles enfoca o bairro de São Miguel Paulista. Intitulado *São Miguel Paulista e seu patrimônio: caminhos para o uso social*, parte da proposta de discussão de três dos quatro patrimônios tombados do bairro, são eles: a Capela de São Miguel, o Sítio Mirim e a Chácara Biacica, com o objetivo levantar reflexões sobre sua existência atual, considerando a forma como os bens estão integrados às dinâmicas do território. A premissa tem fundamento quando propõe a análise destes bens a partir do contexto atual, prevendo caminhos para o uso social dos bens. Entretanto essa proposta se torna ambígua ao longo do texto.

O autor parte de uma fundamentação que retoma a história oficial do bairro, a partir de suas origens seiscentistas. O mesmo ocorre no que se refere à capela, sobre a qual é apresentada a visão de sua importância histórica e arquitetônica, retomando seus aspectos construtivos. Apresentada, desta maneira, sob o mesmo ponto de vista construído para justificar seu tombamento.

A Praça do Forró é mencionada a partir do olhar sobre a capela, cuja importância é sinalizada como decorrência da existência desta edificação no local. Entretanto, atualmente a praça é foco de tensões e conflitos de interesse que vão muito além de sua constituição como local de suporte à capela. O texto menciona a construção e demolição do palco para shows na Praça do Forró, bem como sua destruição, mas não reflete sobre os apagamentos

que esta ação promoveu, principalmente à prática do forró.³⁰ Ao retomar os espaços museais da capela, o autor reconhece a parcialidade na escolha da visão apresentada pelo roteiro de visita, que de fato apaga diversas outras memórias e grupos atuantes no território para a valorização de um ponto de vista, o religioso católico.

Ainda que não tenha se aprofundado nas formas de existência destes bens na atualidade, sinaliza a importância de se trabalhar com esse patrimônio a partir do diálogo e participação comunitária, no sentido de torná-los agentes para sua preservação, e também de desconstruir discursos e narrativas hegemônicas sobre o patrimônio. O texto embora proponha-se a discutir a existência destes patrimônios, e o faça brevemente, se mostra muito ligado à visão canônica sobre os bens culturais e aos discursos já construídos sobre o patrimônio e o território.

A proposta do grupo se voltou principalmente para exemplares edificados que, por algum motivo, tiveram sua importância reconhecida seja pela população através do uso, ou pelos órgãos de patrimônio, com o tombamento.³¹ A escolha por refletir sobre a existência destes patrimônios na atualidade é legítima e necessária. Porém, a proposta do meu trabalho é analisar a forma como diferentes sujeitos sociais olharam para o patrimônio do bairro, então torna-se necessário refletir sobre esta escolha.

A atuação do Ururay no momento atual, em que os incentivos dados ao campo da cultura têm sido cada vez menores, através de publicações como esta, é de extrema importância para a formação e transformação de visões sobre os territórios da cidade. Buscando valorizar regiões sobre as quais os temas de patrimônio ainda não foram desenvolvidos de forma aprofundada.

2.3 Reflexos na rede social

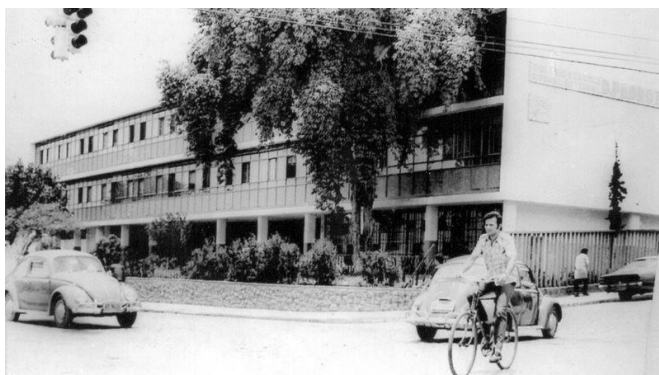
Diante destes sujeitos e ações apresentadas, resta refletir sobre uma importante forma de expressão para os moradores do bairro, a rede social. Através de uma página do Facebook, intitulada *São Miguel Paulista Blogspot*, são compartilhadas uma série de imagens sobre o bairro. Em sua

³⁰ É possível que em sua origem tenha se dado por conta da capela, como um espaço de extensão das atividades religiosas, como apresentado pela historiografia. Mas com o tempo a praça ganhou importância que a tornam um patrimônio em si. As práticas sociais que a qualificam como ponto de encontro, local de prática do forró e outras manifestações, constroem uma identidade para a praça que é diferente da identidade que se constrói sobre a capela.

³¹ Foram ao todo 13 bens estudados. Sendo quatro deles não tombados, pertencentes ao território de Itaquera. Para aproximação da proposta completa do grupo, ver Patrícia Freire de Almeida (org.), *Territórios de Ururay*, 2016.

maioria tratam-se de fotografias antigas sobre as quais as pessoas tecem comentários voltados à comparação com os dias de hoje.

Os exemplos são muitos. Um deles pode ser observado nos comentários sobre uma imagem publicada em 30 de abril de 2017, que mostra o colégio D. Pedro I nos anos iniciais de seu funcionamento, por volta dos anos 1960.



41. Colégio D. Pedro I, visto a partir da atual Avenida Marechal Tito.

Sobre esta imagem apareceram comentários como:

“Colégio D. Pedro I quando o muro era baixinho ainda! ”

“Tempo bom! Ficou na lembrança...”

“Que saudades! ”

“Estudei aí quando era tudo limpo e conservado! Doce lembrança! Que pena que se encontra no estado atual! Infelizmente aqui no Brasil não se conserva um lugar “sagrado” e importante como é a instituição de ensino! ”

“quando conheci o colégio ele já não era mais aberto assim para a Avenida São Paulo – Rio (hoje avenida Marechal Tito) ...quando cheguei lá já tinha aquele muro alto entre o pátio, o estacionamento e a estrada”

“O D. Pedro deveria resgatar essa fachada, o que acham? ”

Os discursos que aparecem são importantes indicadores da apreensão atual de alguns elementos do bairro. Quanto ao colégio D. Pedro I, aparecem considerações como um *“lugar sagrado”*, exaltando a escola no passado. Além deste, o comentário que diz que a escola *“ficou na lembrança”* pode indicar que a consideração de sua importância no passado quase desconsidera sua existência nos dias de hoje. Entretanto o colégio ainda existe, está em funcionamento e é vivenciado cotidianamente pelos alunos que nele estudam, ainda que de uma forma diferente daquela estabelecida no passado. A consideração de sua importância maior no passado é



42. Colégio D. Pedro I, 2017.

confirmada no último comentário, que propõe uma “*recuperação da fachada*”, no sentido de tentar retomar a relação que o colégio tinha com o entorno antes da construção do muro.

Além de imagens antigas de lugares e edifícios que ainda existem, são também publicadas imagens de lugares, edifícios, festas, que não existem mais. Como a imagem 43, publicada no dia 30 de abril de 2016, mostrando uma das piscinas do Clube da Nitro Química.



43. Uma das piscinas do Clube da Nitro Química, década de 1990.

Sobre esta imagem comentou-se:

“Saudades”

“Que pena que acabou”

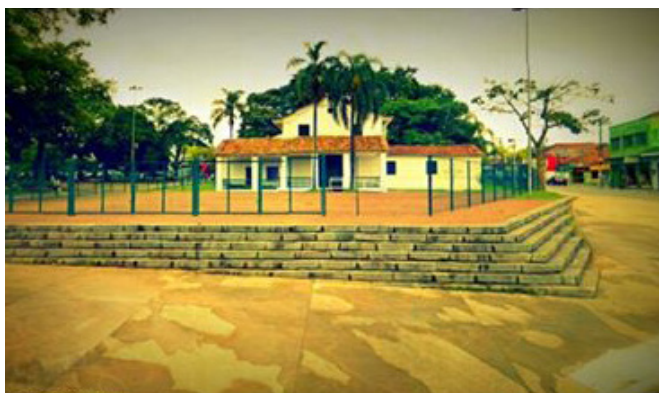
“Éramos felizes com tudo o que a Nitro nos oferecia”.

“Infelizmente o Dr. Antônio Ermínio de Moraes, após sugar tudo do lugar acabou com tudo, poderia deixar esse legado para o povo de São Miguel Paulista, onde o mesmo ganhou bilhões e bilhões, ingratidão”

“Achei um crime com a história do bairro a simples demolição desse patrimônio”

Essas falas confirmam externam as memórias sobre o clube que não existe mais. Tendo sido um dos principais equipamentos de lazer no bairro, ainda não “superado” por nenhum outro equipamento deste tipo, se mantém como importante referência para aqueles que dele aproveitaram. O último comentário apresenta elementos importantes, por acreditar que a desativação do clube foi ruim para a “*história do bairro*”, reconhecendo-o como patrimônio.

É também importante refletir sobre a forma como as pessoas reagem quando é publicada alguma foto da Capela de São Miguel Arcanjo. Nesta, publicada em 10 de janeiro de 2013, foram feitos diversos comentários como:



44. Capela de São Miguel Arcanjo atualmente.

“A mais linda e a mais importante do nosso bairro, pois tem uma história belíssima”

“Faz parte da história do nosso bairro”

“Linda capela histórica”

“Capela de São Miguel Arcanjo, sempre cheia de anjos, pois em 1622: pela ordem de Anchieta, levantada e tombada patrimônio nosso tu és, segunda capela do povo, por isto bela tu és”

“Ela é o patrimônio mais lindo de São Miguel”

“Cartão postal do nosso bairro. Linda e presente na história de vida de muitas famílias. É impossível passar ela praça sem notar sua beleza”

As considerações apresentadas sobre a capela confirmam a ideia de patrimônio disseminada pelos tombamentos. O que se reflete na apreensão das pessoas sobre ela como um exemplar excepcional, e principal representante da história do bairro.

Estes comentários e as próprias imagens postadas, apresentam elementos simbólicos para a construção das identidades do bairro. Na página, diversas manifestações culturais como festas, mas também lugares e edifícios são retomados e valorizados como referências para as pessoas.

Em uma análise geral, mostram a importância de se considerar manifestações ainda não valorizadas por meio de políticas de proteção, indo além daquilo reconhecido institucionalmente. Confirmam, portanto, a necessidade de ações como a da Fundação Tide Setúbal e do Grupo Ururay, que têm buscado refletir sobre a carga simbólica destes elementos como constituintes da identidade do bairro.

De uma forma geral, embora existam muitos sujeitos agindo no sentido de superar os discursos oficiais construídos sobre o patrimônio, em alguns aspectos estes ainda se mostram absorvidos, principalmente quando tratam dos patrimônios culturais tombados.

Neste contexto, as considerações de Smith (2006) são de extrema importância. Para ela, o “discurso do patrimônio autorizado” é o resultado de uma visão hegemônica sobre o que é o patrimônio, decorrente de grandes narrativas de técnicos e de julgamentos estéticos, sendo resultado de um consenso socialmente construído, ignorando a diversidade cultural e as experiências sociais.

Como consequência, ele “promove um certo conjunto de valores culturais de elite ocidentais como sendo universalmente aplicáveis”³². Valida uma série de práticas e atuações, que acaba por penetrar nas próprias construções populares de patrimônio, enfraquecendo ideias alternativas sobre ele. Nesse sentido, observa-se que os tombamentos do bairro podem ser a representação do discurso do patrimônio autorizado.

No que diz respeito aos tombamentos, além de corresponderem ao discurso do patrimônio autorizado, entram na crítica feita por Meneses (1978), sobre a consideração dos sentidos materiais de bens culturais entendidos sob valores pré-estabelecidos, sem levar em conta as práticas sociais que o valorizam. Para o autor, o patrimônio é um fato social, por isso construído a partir de práticas sociais.

Dessa forma, o tombamento dos quatro bens mencionados é resultado de uma atribuição de valor a partir de suas qualidades materiais, desconsiderando sua existência no nível do cotidiano, a partir da relação

³² Laurajane Smith, *Uses of Heritage*, 2006, p. 11. Tradução da autora.

direta com as práticas sociais. A desconsideração das práticas sociais ligadas à capela tem distanciando-a cada vez mais do cotidiano do bairro. Por isso sempre que citada, é retomada como importante símbolo do passado do bairro, e não como componente de seu cotidiano.

Este capítulo buscou refletir sobre diversas ações que enfocam o discurso hegemônico construído sobre ele. Nesse sentido, o olhar para o patrimônio a partir da referência cultural pode ser um caminho que contribua com esta proposta.



Capítulo 3

A referência cultural como base teórica

A referência cultural é a principal base teórica deste trabalho. Para isto, é essencial uma breve apresentação do conceito a partir do exposto por Maria Cecília Londres Fonseca e Antônio Augusto Arantes³³. Como apresentado pelos autores, referências culturais são o conjunto de manifestações que fazem sentido para um grupo social, sendo este o sujeito responsável pela valoração destas referências, e seu principal beneficiário.

Este conceito foi idealizado durante a década de 1970³⁴, a partir de propostas para reavaliação das formas de proteção de bens culturais, dado que o tombamento era a única forma de salvaguarda. Segundo Fonseca (2000), a formalização desta proposta apresentava um novo olhar para o patrimônio, como resultado da tomada de consciência de que este não deveria se restringir aos exemplares de caráter monumental, ou testemunhos da história oficial, resultante de uma valoração de caráter estilístico.

De acordo com a autora, se reconheceu que o patrimônio deveria incluir as manifestações culturais representativas para os outros grupos que compunham a sociedade brasileira, como por exemplo as classes populares. Nesse contexto, se confere importância aos sujeitos da ação, entendendo-os como intérpretes de sua cultura e os únicos capazes de valorá-la. Por isto, as referências culturais se justificam a partir do momento em que sua importância é reconhecida dentro do contexto social, e não como algo que tem valor em si. Para a autora, entender os grupos e a forma como atribuem

valor àquilo que os representa está no centro da discussão da referência cultural.

Em sua origem, o conceito se justificava como forma de entendimento e valoração do patrimônio imaterial, para o qual o instrumento do tombamento era inviável, pois é uma forma de salvaguarda que leva em consideração os valores materiais do bem, entendido como “coisa”, estabelecendo regras para sua preservação física. O que justifica a impossibilidade de sua aplicação às práticas culturais, festas, saberes e ofícios, elementos das culturas populares. Entretanto, tem se representado como importante conceito para o alargamento sobre as considerações do patrimônio construído, entendendo sua importância para além da materialidade.

Fonseca (2000) afirma que considerar uma referência cultural não é levar em conta somente seu valor artístico ou histórico dos bens. A valoração de um bem somente por seus critérios de excepcionalidade, monumentalidade, tira a importância de seu entorno, de sua complexidade, da dinâmica de ocupação e uso daquele espaço.

Segundo Arantes (2000), uma referência está atrelada a uma identidade, e isso confere a ela um “sentido patrimonial”, ou seja, ela passa a “habitar” um repertório diferenciado de instâncias com que se constroem as fronteiras simbólicas, a partir das quais se formam imagens de si e dos outros. A referência é um ingrediente para a construção de identidades, tradições, territórios. Referências culturais, portanto:

[...] são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura. (IPHAN, 2000, p.29)

³³ Autores responsáveis pelos textos introdutórios ao *Inventário Nacional de Referências Culturais*: Manual de Aplicação, 2000.

³⁴ Para aprofundamento no tema da elaboração do conceito de referência cultural, ver Maria Cecília Londres Fonseca, *Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio*, 2000.

A partir da consideração da diversidade cultural do bairro e de diversas manifestações, lugares, edifícios, a opção de tomar como base teórica o conceito de referência cultural se justifica por permitir olhar além dos elementos canonicamente considerados patrimônio, e entender o protagonismo dos moradores no sentido de eleger o que estes consideram como importantes para seu cotidiano e vivência, constituintes de sua identidade no bairro.

3.1 O Inventário Nacional de Referências Culturais

O conceito de referência cultural surge dentro do chamado Centro Nacional de Referência Cultural, criado em 1975. Em 1979 este grupo foi incorporado ao IPHAN, quando passou a ser estudada a possibilidade de sua adoção como justificativa de proteção do patrimônio. Esta proposta se concretizou nos anos 2000, com o lançamento do Decreto n. 3551, instituindo o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, dentro do qual está incluso o Inventário Nacional de Referências Culturais.³⁵

O INRC se constitui de uma metodologia de registro do patrimônio por meio do inventário. Tem como objetivo a identificação e documentação de bens culturais, buscando atender a demanda da diversidade e pluralidade dos grupos sociais, entendendo-os como intérpretes de sua cultura. Como metodologia, foi desenvolvida de forma pormenorizada dentro do IPHAN e lançada nos anos 2000 em forma de manual de aplicação.

Neste manual consta apresentação do conceito de referência cultural e a metodologia de trabalho, que deve ser seguida tal como proposta.³⁶ Segundo o manual, o INRC é um instrumento para identificação e documentação de bens culturais, com fim em sua preservação. Embora tenha surgido de estudos que previam formas de proteção do patrimônio imaterial, é proposto como um instrumento capaz de valorizar tanto o material como o imaterial sem fazer esta distinção. Apresenta a aplicação do conceito de referência cultural como justificativa para a ampliação da noção de patrimônio, valorizando com um mesmo instrumento estas duas categorias do patrimônio, cuja separação deve ser feita somente em termos didáticos.

³⁵ Sobre o Centro Nacional de Referência Cultural, integração ao Iphan e Decreto n. 3551/2000, ver Maria Cecília Londres Fonseca, *Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio*, 2000; e Lia Motta, *Sítios Urbanos e Referência Cultural: o caso exemplar da Maré*, 2017.

³⁶ Para análise aprofundada da metodologia, ver Iphan, *Inventário Nacional de Referências Culturais*, 2000.

A busca por referências culturais vem no sentido de considerar manifestações que fogem da lógica consolidada pelas as narrativas já apresentadas. Na tentativa de se desvencilhar do “discurso do patrimônio autorizado” e entendê-lo a partir das práticas sociais, das formas de valoração pelos grupos.

Como metodologia de trabalho, o INRC propõe a categorização das referências culturais levantadas em: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações e lugares. Estas categorias norteiam a forma como cada uma das referências será abordada, apresentadas por meio de fichas de identificação, nas quais constam informações que a justificam como uma referência “eleita” para compor o inventário.

O INRC é apresentado como um instrumento que viabiliza o conhecimento e interpretação das representações culturais existentes no território nacional. Baseado no conceito de referência cultural, oferece uma nova compreensão sobre o patrimônio, para além daquilo que já foi canonicamente considerado como tal. Permitindo a qualificação como patrimônio para as mais diversas manifestações populares. Como fim, representa um caminho para políticas de preservação que considera o âmbito da manutenção destas representações, de suas práticas, mas não por sua autenticidade, segundo Fonseca (2000).

Esta metodologia já foi utilizada inúmeras vezes no território nacional, sendo a maior concentração na região nordeste.³⁷ Na cidade de São Paulo, foi aplicada em um inventário sobre o bairro do Bom Retiro, enfocando o multiculturalismo em situação urbana, realizado entre 2005 e 2008.³⁸ Conformou-se como exemplo e importante fonte para o desenvolvimento deste trabalho, como um dos poucos inventários aplicados para uma situação urbana, como é o caso da pesquisa em questão. Ou seja, a forma como propõe a interpretação dos lugares, edifícios, celebrações, ofícios e modos de fazer, como decorrentes da diversidade de culturas e dinâmicas presentes no território da metrópole, o torna importante objeto de estudo e fonte para interpretação das referências neste apresentadas.

Entretanto, diante da complexidade e tempo que demanda um inventário nos moldes do INRC, fica claro que sua aplicação tal como indicado seria inviável. Assim, este trabalho apresenta uma apropriação do método, dentro das propostas que auxiliavam o entendimento, categorização e organização das referências levantadas.

³⁷ Informação obtida a partir de uma breve análise sobre os inventários já realizados, apresentados no site do Iphan: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/681/>>. Acessado em 11 mai. 2017.

³⁸ Iphan, *Inventário Nacional de Referências Culturais do Bom Retiro: Multiculturalismo em Situação Urbana*, 2009.



45. Bar com referências à cultura nordestina. Localizado no centro de São Miguel.



Capítulo 4

As narrativas dos entrevistados

Para o processo de levantamento das referências culturais foi de extrema importância a busca por fontes orais, desenvolvida através de entrevistas com moradores do bairro. Neste capítulo serão apresentadas as contribuições que estas conferiram à pesquisa. Foram entrevistadas 17 pessoas durante os meses de fevereiro e março de 2017, realizadas em sua maioria no bairro de São Miguel, em suas casas ou em seus locais de trabalho. A seleção destas pessoas partiu da indicação de colegas e familiares, e também de pesquisas sobre as associações e coletivos culturais.

Os entrevistados foram: Elza da Silva, Cícera Manso, ambas migrantes nordestinas, moradoras da Vila Nitro Operária, tendo a segunda trabalhado na Nitro Química; Luíza de Araújo, migrante do interior de São Paulo, ex-funcionária da Nitro Química; Manoel da Silva, migrante nordestino, ex-funcionário da Nitro Química; Walmira da Silva, migrante mineira, ex-funcionária da Nitro Química; Pedro Piassi, migrante do interior de São Paulo, comerciante; Sarah Aziz, migrante do interior de São Paulo, educadora e pesquisadora do bairro; Orlando Fonseca, migrante do interior de São Paulo, ex-funcionário da Nitro Química, e morador da Cidade Nitro Química; Ivon de Souza, nascido em São Miguel; João dos Santos, imigrante português; Leila Saleh, imigrante libanesa; Fátima Beydoun, descendente de sírio-libaneses nascida em São Miguel; Tizuko Mikan, descendente de japoneses, migrante do interior de São Paulo; Edvaldo Santana, nascido em São Miguel, participante do Movimento Popular de Arte,

Escobar Franelas, colaborador da Casa Amarela; Sueli Kimura, gestora da Casa Amarela; e Pedro Moreira, agente cultural da Casa de Cultura de São Miguel. Sendo a maioria deles moradores do distrito de São Miguel Paulista ou distritos adjacentes.

As considerações que levaram a pesquisa a se orientar pela busca de fontes orais podem ser explicadas de duas formas. Primeiramente, pela observação da dissonância entre o discurso de patrimônio construído para o bairro, e a atribuição de valor por seus moradores, previamente apresentados no capítulo 2. Mas também pela metodologia de pesquisa, que direcionou a busca por visões não oficiais. Nesse sentido, a utilização de fontes orais se justifica pela possibilidade de abertura da pesquisa a outras narrativas, dando voz aos moradores.

Esta pesquisa não se constituiu em um trabalho de história oral, mas o estudo de teorias que a explicam fundamentou as formas de aproximação com os sujeitos sociais. Segundo Alberti (2005), a história oral permite o registro de testemunhos que mostram histórias dentro da história, ampliando as possibilidades de interpretação do passado. Para a autora:

a história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais [...]. (ALBERTI, 2005, p. 164)

Segundo ela, entender como pessoas ou grupos experimentaram o passado permite o questionamento de interpretações generalizadas de determinados acontecimentos e conjunturas. Para Meihy (2006), a história oral tem capacidade transformadora, pois se incumbe da captação de vozes ocultas pelo saber oficializado. Nesse sentido, estes dois autores confirmam a importância do uso de fontes orais para estabelecer um outro olhar para o objeto de estudo.

Além disto, a aproximação com questões ligadas à memória e identidade, desenvolvidas por autores como Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak e Ulpiano Bezerra de Meneses constituem-se como bases teóricas.

Nora (1993), apresenta a memória como um fenômeno em plena evolução, submetida à dialética da lembrança e do esquecimento. Um elo vivido no presente que se enraíza no concreto, no espaço, mas também no gesto, na imagem.

Em muitos casos estas memórias são objeto de disputas. Michel Pollak (1989), entende que além de uma história oficial, construída a partir da eleição de determinados fatos, existe também uma memória oficial. Para ele, as escolhas de representantes da história ou da memória são resultado de uma visão que invisibiliza outras histórias e memórias, na maioria das vezes pertencentes a camadas sociais oprimidas. As memórias estão, portanto,

em disputa a partir de uma doutrinação ideológica que acaba por selecionar as lembranças dos grupos.

Assim como a memória, a identidade é também resultado de uma construção. Segundo Pollak (1992), ela depende de uma unidade física, de uma fronteira corporal, moral, psicológica e coerente, e é feita a partir de uma dada necessidade de representação de si. Produz-se em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, surgindo no âmbito das relações sociais. Para o autor, a memória é um elemento que constitui o sentimento de identidade.

Nesse sentido, a análise dos sujeitos através das entrevistas constitui-se em uma importante fonte para se entender a construção das identidades de alguns grupos do bairro e quais referências são decorrentes desse processo. Estas concepções, brevemente apresentadas, contribuem para a compreensão dos depoimentos.

De acordo com Fonseca (2000), os sujeitos devem ser considerados não apenas como informantes, mas principalmente como intérpretes de seu patrimônio. A partir disso, pode-se compreender que as falas dos entrevistados são representações daquilo que é por eles vivenciado, de sua condição social e forma de vida. Acontecem a partir de uma seleção mental que ocorre no presente, no momento da fala, construídos, portanto, de acordo com um determinado sentido. Por isso, ainda que este não seja um trabalho de história oral, foi importante entender sua metodologia, atrelada às teorias sobre memória e identidade, embasando a maneira como os assuntos seriam tratados e as formas de aproximação aos sujeitos.

Neste capítulo será apresentado um levantamento das contribuições da pesquisa de fontes orais na busca por referências culturais. Serão analisadas as formas como os sujeitos interpretam estas referências, buscando entender como a história oficial, os discursos e ações sobre o patrimônio do bairro, tratados no segundo capítulo, são interpretados pelos moradores.

O levantamento preliminar das referências culturais partiu do estudo bibliográfico e de conhecimentos prévios sobre o bairro. Assim, elementos como a Capela de São Miguel Arcanjo, a Praça do Forró, a Catedral de São Miguel, o centro comercial, os colégios D. Pedro I e Carlos Gomes, o Mercado Municipal e a fábrica da Nitro Química, supostamente já se confirmariam como referências culturais. Assim, os roteiros e os grupos foram determinados de forma a buscar compreender como estas referências eram interpretadas pelos interlocutores, e também observar o surgimento de novas.

Para a pesquisa foram selecionados alguns grupos sociais sinalizados como importantes ao longo do levantamento preliminar as referências, e decorrentes de reflexões sobre as identidades que constituíam o bairro. Embora tenham sido selecionados como representantes de grupos sociais,

os entrevistados apresentavam perfis que transitavam pelos diferentes grupos, pois eram ao mesmo tempo migrantes, ex funcionários da Nitro e comerciantes, ou então nascidos no bairro, trabalhadores da Nitro e participantes do Movimento Popular de Arte. Dessa forma, suas contribuições à pesquisa mostraram as relações entre as referências, como constituintes de uma rede, em que cada elemento não pode ser entendido como único, mas sim dentro de um contexto amplo.

As falas dos sujeitos versaram principalmente sobre determinados temas que se configuram em si como referências, mas também suscitam outras, a partir de seu desenrolar. Como forma de organização da apresentação de algumas destas narrativas, optou-se por retomar estes temas. São eles: o morar, através de considerações sobre a Vila Nitro Operária; o trabalhar, quando o enfoque é dado à fábrica da Nitro Química; a sociabilidade, quando se trata da Praça do Forró, dos cinemas, clubes; e a migração e imigração, quando se trata da cultura nordestina, e do forró, e das comunidades portuguesa, árabe e japonesa.

Sobre o morar, a Vila Nitro Operária representa uma importante referência. Dentre os entrevistados, quatro já moraram na vila. Em seus discursos prevalece a importância das formas de vida que lá se estabeleceram, indicando as relações de sociabilidade como o principal meio de sobrevivência de seus moradores. A forma como apresentam a Vila, embora imbuída de uma visão saudosista de seu passado, desconstrói certas concepções sobre aquele espaço.

A partir de uma visão generalizada de sua existência, por abrigar em sua maioria migrantes, os entrevistados comentaram que a Nitro Operária era vista como um dos piores locais para se viver, encarado como marginalizado e perigoso. Para eles, essa visão criou determinados preconceitos sobre o lugar que prevaleceram sobre suas qualidades, e são até hoje disseminados. Nesse sentido, suas falas apresentam uma outra visão da Nitro Operária, daqueles que nela moraram e estabeleceram relações internas de identidade. Segundo a entrevistada Sarah Aziz:

o bairro é um bairro de periferia né, naquele tempo a gente usava o termo suburbano, a Nitro Operária dentro deste contexto do bairro de periferia era mais periférica ainda, porque ela era um lugar onde abrigava as pessoas que não podiam pagar muito aluguel, os terrenos ali eram vendidos a preço bem barato

O entrevistado Edvaldo Santana, nascido na vila, comenta do futebol de várzea, dos bares, das festas realizadas dentro das casas das pessoas, da presença do forró, como aspectos que, para ele, representaram a vila. Para ele, era um lugar agregador “onde todo mundo se conhecia, era uma vizinhança, onde tinha migrantes de diversos lugares do Brasil, principalmente do Nordeste”.

Para estes moradores e ex-moradores da Nitro Operária, a linha do trem e o rio aparecem como referências, citados como importantes elementos do espaço. A linha do trem aparece na fala de Ivon de Souza *“quando a gente vinha pro centro a gente vinha seguindo a Nitro Química ou a linha do trem, era tipo um caminho”*. Este mesmo entrevistado retoma a importância do rio, como local de lazer, nado e pesca.



46. Moradoras na Vila Nitro Operária, 1976.

O tema do trabalho, centralizado na figura da Nitro Química, foi outro ponto mencionado nas entrevistas. Ainda que apenas alguns entrevistados tenham sido funcionários da fábrica, todos apresentaram alguma contribuição sobre ela. Através das falas ficou clara a relação dicotômica que gira em torno de sua existência.

Como colocado pelos pesquisadores que já se debruçaram sobre a história da fábrica como Paulo Fontes, Luciana Tonaki e Sarah Aziz Rocha, a Companhia buscou disseminar o ideal de “família nitrina” através de políticas de assistencialismo ao trabalhador, como uma forma de justificar a exploração do trabalho dentro da fábrica. Esse aspecto aparece nas falas dos entrevistados.

A fábrica é diversas vezes mencionada como *“a mãe de São Miguel”*, em narrativas que a compreendem como responsável por promover o crescimento do bairro e a melhoria de vida de muitas famílias. Neste sentido, as referências ligadas à Nitro vão além das relações de trabalho dentro da fábrica. Aparecem nas menções aos clubes, às festas, aos esportes praticados no clube, ao hospital, à creche, confirmando o nível de relação que a fábrica estabeleceu no bairro, como um elemento capaz de mobilizar as identidades daquele território.

Para a entrevistada Cícera Manso *“a melhor lembrança era o Clube de Regatas, foi lá onde eu treinei, onde eu fiz salto de altura, corrida e natação”*. Segundo o entrevistado João dos Santos, *“o Clube da Nitro era a maior referência do bairro, os carnavais, matines, salão social”*.

Por outro lado, entrevistados como Manoel Barbosa e Luiza de Araújo mencionam o trabalho árduo da fábrica, as longas jornadas de trabalho, a poluição causada pela liberação de gases, fato mencionado também pelas entrevistadas Elza da Silva e Cícera Manso, que disseram conviver diariamente com o mau odor liberado pelas chaminés. Luíza de Araújo comenta: *“volta e meia eles davam aumento, mas a gente trabalhava, viu! Fazia hora extra, sábado, domingo”*. Alguns deles mostram entender essa relação dupla estabelecida pela fábrica, como presente na fala de Edvaldo Santana: *“tem os dois lados, tinha o lado pesado, mas teve muita gente que trabalhou a vida toda na Nitro, fez a vida lá”*.

Outra importante referência mencionada por muitos entrevistados foi o apito da Nitro Química. Segundo Cícera Manso *“as 6:30 da manhã não precisava nem de relógio, a Nitro apitava”*. O apito é rememorado como o relógio do bairro, além de controlar a entrada e saída de funcionários, contribuía com a regulação de outras atividades do bairro como o comércio, e o cotidiano de seus moradores.

A partir das formas como as pessoas rememoram a Nitro Química, é possível perceber a profundidade do poder da fábrica no bairro. Tendo atuado em um espaço que por muito tempo teve a Companhia como principal fornecedora de emprego e equipamentos assistenciais, construiu um sentido do que significava ser e estar em São Miguel Paulista. Isso se confirma através dos depoimentos apresentados. Essa identidade está ancorada tanto em referências que não existem mais, como as festas, os clubes, mas também nos elementos construídos, como por exemplo nas chaminés e na portaria.

Nesse sentido, justifica-se o pedido de tombamento da fábrica. O medo da perda desses suportes da memória dos moradores, como aconteceu com os equipamentos assistenciais, gerou comoção popular, resultando no pedido pela proteção oficial.

Um terceiro tema retomado nas entrevistas foi a sociabilidade. Capaz mobilizar uma série de espaços, referências e também os outros temas, pois podem ser interpretados como os espaços de lazer do trabalhador. Neste, a Praça do Forró, os cinemas e clubes são referências que contribuem com a reflexão sobre as formas de viver no bairro.

Para se chegar à discussão dos sentidos da Praça do Forró nos dias de hoje, a Capela de São Miguel Arcanjo foi utilizada como ponto de partida. Nesse contexto foi possível entender os significados que o patrimônio reconhecido tem para os entrevistados. A maioria deles reconhece a capela a partir de sua consideração como um monumento, um bem tombado. É citada

como o elemento que representa o passado do bairro. Quando perguntados sobre a relação que estabelecem com a capela atualmente, muitos disseram que não visitam o espaço há muito tempo, sendo que alguns deles no momento da conversa, perguntaram se ela ainda estava aberta. Estas considerações demonstram o resultado do “discurso do patrimônio autorizado”, a forma como a história oficial e ações sobre o bem cultural tem contribuído com a apreensão deste bem cultural pelas pessoas.



47. Almoxarifado da Nitro Química em 1940.



48. Rio Tietê, sendo utilizado como parte do Clube de Regatas da Nitro Química. Sem data.



49. Parque infantil no Clube de Regatas da Nitro Química.



50. Prática de esportes no Clube de Regatas da Nitro Química, em 1944.

Quando questionados sobre a praça, todos apresentaram narrativas que valorizavam sua conformação no passado. O espaço é visto a partir daquilo que não é mais. Segundo a entrevistada Cícera Manso, a praça

era nosso divertimento, era o divertimento de toda a [Vila] Nitro Operária, e outros bairros diferentes, vinham tudo pra cá, pra Praça Padre Aleixo, que chama Praça do Forró

Cícera mencionou sua configuração paisagística no passado, dizendo que os jardins criavam um ambiente agradável. Sob a ótica de que hoje a praça não é mais tão importante como antes, diz: “*deixou saudade pra todos que já frequentou ali*”. Para muitos deles ela não se configura mais como um elemento importante do bairro, mas para outros é qualificada por ser o local onde está “*a capela histórica*”. O entrevistado Ivon de Souza diz:



51. Praça do Forró, sem data.

hoje tem muito morador de rua, a turma não fica muito lá. Já não é um espaço de lazer, ficou perigoso / Não é mais importante como era antes. Hoje serve mais como ponto de referência / importância só a capela, como um patrimônio da humanidade, uma coisa que tem que preservar. A importância que tem na praça é só a capela, uma coisa assim de lazer, cultural, para mim só a capela

Segundo o entrevistado João dos Santos:

a praça era mais importante antes porque era um ponto de encontro e a população frequentava a praça, né. Hoje vai mais pra praça porque tem wifi grátis, mas não é mais um ponto de encontro da população

Segundo a entrevistada Sarah Aziz:

a praça era um lugar onde você permanecia / na minha opinião ela tinha que ser um espaço artístico, mas eles [poder público e gestão da capela] não deixam fazer nada ai, ai ela fica meio abandonada / você ter uma praça como essa e não poder utilizar! / é um espaço que a gente perdeu. Agora se pusessem artistas ali, bandas, seria uma saída, mas eles não deixam. A praça é do povo, o povo tem que usar

Por ter participado do Movimento Popular de Arte, o entrevistado Edvaldo Santana estabelece uma visão bastante crítica sobre as intervenções que foram realizadas na praça. Segundo o entrevistado, ela é “o patrimônio cultural do bairro, as pessoas têm tudo a ver com aquilo, é uma coisa afetiva”. E sobre a demolição do palco diz:

como é que você derruba um negócio daquele, isso é pra deixar o cara mais preso, isso é forma de domínio. A gente tem que mudar esse estado de coisa. Os caras foram tão canalhas que arrancaram o palco de lá



52. 53. Imagens aéreas do bairro comparando dois momentos da praça, atual e na década de 1950. Através delas se pode observar a modificação na configuração da Praça do Forró.



54. Praça do Forró atualmente.



55. Praça do Forró atualmente, espaço onde ficava o palco para shows.



56. 57. Praça do Forró atualmente.

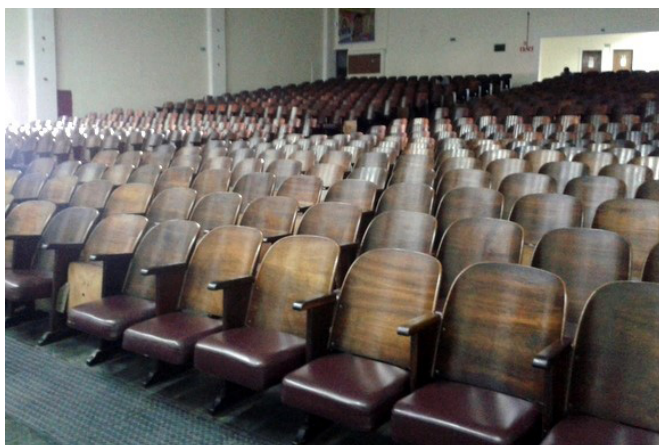


Além do espaço da praça, os cinemas e clubes são também rememorados como importantes lugares de sociabilidade do bairro. Compõem aqueles elementos que os entrevistados mais lamentam não existirem mais, principalmente por não terem sido substituídos por outros equipamentos desse tipo. A entrevistada Walmira Luz diz: *“São Miguel todinha ia nos cinemas, vinha filme do Mazzaropi, todo mundo ia no cinema. O Cine Lapenna era aquele prédio enorme”*.

Nesse contexto, a Nitro Química reaparece na fala de Edvaldo Santana, *“a Nitro Química tinha uma representatividade que nós perdemos muito na área de lazer [...] ali era o respiro, acabou aquilo ficou só o sufoco”*. Os desfiles cívicos também são citados como importantes momentos responsáveis por mobilizar todo o bairro.



58. Cinema Lapenna, sem data.



59. Cadeiras do antigo Cinema Lapenna usadas ainda hoje.

A partir do tema da sociabilidade, discutindo as relações inseridas no contexto da Praça do Forró, foi possível conversar sobre a presença dos migrantes e imigrantes no bairro. No que diz respeito às migrações, a figura do nordestino foi um tema que suscitou reflexões de forma mais aprofundada.

A cultura nordestina e a prática do forró são vistas pelos entrevistados de duas formas. A primeira delas as valoriza, sendo rememorada como positiva por alguns deles. Mas também é retomada como uma prática que de certa forma desqualifica o bairro, a partir de depoimentos que não a reconhecem como uma forma de identidade sobre aquele espaço.

Muitos entrevistados, até mesmo migrantes nordestinos, apresentaram discursos críticos sobre a existência da prática do forró na praça, e do uso de nomenclaturas como “Avenida Nordestina”. Entendendo-os como ruins ou desnecessários, como intervenções que se sobrepõem a uma história e tradição, que de certa forma mancham a história da praça e do bairro.

Na contrapartida, muitas falas como a de Cícera Manso mostram a importância dessa prática no bairro:

aqui era a terra do forró, em todo lugar tinha um bailinho, bailes nas casas das pessoas / na praça, você passava lá a noite estava cheio, todo mundo dançando

O entrevistado Manoel Barbosa deu um interessante relato, em que aparecem muitas referências importantes do bairro:

uma vez eu fui num forrozinho na Vila Rosária, depois sai para ir embora, e eu morava ali na rua 3 [Vila Nitro Operária], mas eu me perdi e ali era uma capoeira medonha, aí passou um barulho de carro na São Paulo-Rio, e era difícil isso acontecer. Aí eu disse, agora eu sei para onde tenho que ir

É possível perceber que a forma como os moradores do bairro interpretam as raízes nordestinas é resultado de um processo que se constrói no âmbito da cidade de São Paulo. Através de discursos oficiais, como o tombamento da capela, e intervenções físicas, como a demolição do palco na Praça do Forró, as práticas sociais desta camada perdem valor diante daquelas que são contempladas com projetos culturais e tombamentos, como é o caso da capela. As pessoas reconhecem o valor da praça por ser local onde está a “capela histórica”, mas não pelas práticas culturais ligadas àquele espaço.

Isso se justifica com as concepções de Pollak (1989) sobre a memória como objeto de disputa. Para o autor, existe uma doutrinação ideológica que acaba por confinar as lembranças que as pessoas têm sobre os fatos. Essas memórias subterrâneas, como o autor nomeia, estão ligadas a fenômenos de dominação que se estabelecem não somente entre Estado e

sociedade, mas entre grupos minoritários e sociedade englobante.

Nesse sentido, os nordestinos podem ser entendidos como a camada social oprimida, justificando a ambiguidade dessa relação que mantém com o espaço da praça, como decorrência de ações que por vezes buscaram suprimir a cultura nordestina, exemplificada pela demolição do palco e reconfiguração da Praça do Forró.



60. Casa do Norte na Avenida Pires do Rio.



61. Interior da Casa do Norte.

O tema da sociabilidade aparece também em conversas realizadas com participantes das três principais comunidades de imigrantes do bairro, árabes, portugueses e japoneses. Presentes no espaço através de espaços criados para manutenção de suas práticas culturais. Estes espaços, representados pela Mesquita, a Casa de Brunhosinho e o Kaikan, representam para as comunidades as formas de enraizamento no território de São Miguel Paulista, são os elementos onde suas identidades estão ancoradas.

Dentre estes, a Mesquita é um elemento bastante emblemático tanto por sua configuração enquanto edifício religioso, como pelo destaque que tem na paisagem do bairro. Implantada em um local distante do centro do bairro, cujo entorno é predominantemente residencial com casas em sua maioria térreas, o volume se destaca na paisagem, marcado pela cúpula e o minarete.



62. Área externa da Mesquita de São Miguel Paulista.



63. Interior da Mesquita de São Miguel Paulista, sala de rezas.



64. Interior da Mesquita de São Miguel Paulista, térreo.



65. Integrantes da comunidade árabe no Jardim São Vicente, São Miguel Paulista.

A fala das pessoas permitiu observar o conjunto de referências não contempladas através da atuação dos órgãos de proteção, significadas pelos sujeitos sociais a partir daquilo que representam ou representavam em seu cotidiano, seja em formas de vivência, trabalho ou momentos de lazer. A valorização que dão às manifestações, lugares e edifícios que não existem mais mostra o quanto faz falta o oferecimento de locais de lazer e sociabilidade, representados no passado pelos Clubes da Nitro. Talvez por isso estas referências se mostrem tão presentes nos depoimentos.

Além disso, as falas mostram o outro lado das intervenções físicas realizadas no bairro. As menções de saudades à Nitro Química, a relação com a praça a partir das mudanças em sua configuração, são indicadores de que um projeto, uma intervenção, não são isentos, que ações sobre o ambiente construído interferem na apreensão dos espaços pelos sujeitos.

Sendo a matéria construída importante elemento de identificação e enraizamento.

As relações ambíguas que estabelecem principalmente com aspectos da cultura nordestina podem ser decorrentes dessas ações. Permitindo reflexões como o que significa as pessoas continuarem chamando a praça de “Praça do Forró”, quando por outro lado desconsideram o valor dessa prática cultural como constituinte da identidade do bairro. Nesse contexto, os moradores são intérpretes de uma condição que foi estruturada na cidade de uma forma geral, de valorização de uma cultura em detrimento de outra.

A partir do olhar daquilo que compõe as formas de enraizamento através de práticas, lugares e espaços construídos como componentes das identidades destes grupos no bairro, essas narrativas mostram o quanto ainda se tem a explorar sobre o patrimônio do bairro para além daquilo que a história oficial e os discursos do tombamento propõem, em busca de outros sentidos para este patrimônio.



66. Apresentação de taiko em uma festa no Kaikan.



67. Festa na Casa de Brunhosinho.



Capítulo 5

Os sentidos patrimoniais no bairro da periferia

Como exposto no Artigo 216 da Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural é representado por bens de natureza material e imaterial cujos valores são referências para grupos da sociedade, representando sua identidade, memória e ação. Reconhece como tal as formas de expressão, as obras, os objetos, os documentos, as edificações, os espaços, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, entre outros. Este Artigo apresenta uma ampliação da noção de patrimônio, principalmente quando comparado ao Decreto-Lei n. 25, de 1937, que considerava o patrimônio a partir daquilo representativo de fatos da história do país, cujas características arquitetônicas demonstrassem excepcionalidade. Nesse sentido, permite que novas propostas para ação sobre o patrimônio sejam desenvolvidas, como por exemplo o instrumento do inventário.

À luz daquilo que o Artigo 216 coloca, compreende-se que as referências culturais levantadas neste trabalho compõem o patrimônio cultural do bairro de São Miguel, a partir das considerações dos grupos sociais estudados. Estas referências são resultado da pesquisa de fontes orais, mas também do estudo do que os órgãos de patrimônio determinaram através do tombamento. Dessa forma, representa o conjunto de elementos significativos para as identidades, memórias, e histórias atrelados àquele território.

O que o inventário busca apresentar é a forma como estas referências se fazem presentes no bairro, a partir dos sentidos, valores e significados

atribuídos a elas pelos sujeitos sociais. A partir da apropriação das categorias propostas pelo Inventário Nacional de Referências Culturais do Iphan, o inventário classificou as referências levantadas em cinco categorias: edificações, lugares, formas de expressão, celebrações e ofícios.

Este capítulo apresenta uma reflexão sobre os sentidos patrimoniais do bairro de São Miguel a partir do inventário, estruturado em três eixos de análise: 1, as referências por sua categorização; 2, as referências por sua localização no território; 3, através dos universos que mobiliza como representativos do patrimônio do bairro.

O conjunto de edificações abrange elementos construídos para diversas funções: religiosas, como a capela de São Miguel Arcanjo e a Igreja Matriz de São Miguel; educacionais, como as escolas D. Pedro I, Carlos Gomes, Dário de Queiroz e Diogo de Faria; de transporte, como a estação de trem de São Miguel Paulista; fabris, como a fábrica da Companhia Nitro Química Brasileira, bem como o muro, portaria e chaminés da fábrica; de saúde, como o Hospital e Maternidade Santa Terezinha; comercial, como o Mercado Municipal de São Miguel; de lazer como o Clube da Nitro Química, com sua Sede Social e área de Regatas, e os cinemas; culturais, como a Casa Amarela e as sedes das comunidades japonesa, portuguesa e árabe; e de suporte como os Correios e a antiga casa sede do Círculo Operário. É nesta categoria onde estão também referenciados os bens culturais tombados: a Capela de São Miguel Arcanjo, o Sítio Mirim, a Chácara Biacica e o conjunto industrial remanescente da Companhia Nitro Química. São ao todo 25 edificações, sendo 18 delas existentes, embora algumas já não recebam as funções originais, como o edifício onde funcionava o Cinema Lapenna; duas ruínas, a Sede Social do Clube da Nitro Química e o Sítio Mirim; e cinco não mais existentes, presentes no inventário por representarem importantes referências como memória dos grupos sociais. No caderno 2, correspondem às fichas de número 1 a 25.

Assim como as edificações, os lugares podem ser classificados por suas funções, e também por representarem espaços de manifestação cultural de algum grupo no passado ou no presente. São praças, como a Praça do Forró, a Praça Getúlio Vargas Filho, e a Praça da Paz; ruas e avenidas, como Avenida Marechal Tito, Avenida Nordestina, Avenida Pires do Rio, Rua Arlindo Colaço, Rua Salvador de Medeiros, Rua Serra Dourada, e Avenida Doutor José Artur Nova; vilas, como Vila Americana, Cidade Nitro Química, Vila Nitro Operária, Vila Curuçá, Parque Paulistano; os comércios, como as Casas do Norte; equipamentos, como os cemitérios, antigo e atual, chamado Cemitério da Saudade, o palco para eventos construído na Praça do Forró; e o Rio Tietê. São ao todo 20 lugares, sendo 18 existentes, ainda que modificados, e dois como memória, são eles o Antigo Cemitério e o palco para shows. Correspondem às fichas de número 26 a 45.

A categoria das formas de expressão é uma das que mais tem referências pertencentes apenas à memória, ou seja, não mais praticadas no bairro. São

ao todo 11 referências, sendo cinco delas memória, como o apito da Nitro Química, as greves dos trabalhadores da fábrica, o jornal Nitro Notícias, o Movimento Popular Autonomista, e o Movimento Popular de Arte. Destas é curioso observar que a maioria tem relação com a existência da Nitro Química, assunto que será desenvolvido adiante. Três delas são existentes, como o Sindicato dos Químicos, a língua japonesa e árabe; e outras três ainda que estejam presentes, têm sua expressão e importância diferentes daquela como fora no passado, como o forró, o futebol e o Partido Comunista. Estas três últimas referências têm seu surgimento em aspectos bastante característicos do bairro, e têm sofrido modificações na forma como são praticadas pelas pessoas. O Partido Comunista foi, principalmente enquanto a Nitro Química esteve ativa no bairro, um dos principais partidos atuantes, segundo Fontes (2002) e Rocha (1992); o forró, que se fazia presente de forma mais clara principalmente através de sua prática na Praça do Forró, hoje está presente de forma mais diluída no bairro; e o futebol, que antes era representado principalmente pela ocupação das várzeas dos rios, com muitos times, hoje ainda existe mas através de clubes com campos espalhados pelo bairro, não mais ocupando as várzeas dos rios. No caderno 2, são representadas pelas fichas de número 46 a 56.

A celebrações representam importantes momentos de sociabilidade no bairro. São ao todo seis, sendo quatro delas existentes, como o Aniversário de São Miguel, e as festas relativas às culturas árabe, portuguesa e japonesa. Uma delas praticada, porém de forma diferente de quando se originou, são os desfiles cívicos em comemoração à independência do Brasil e aniversário do bairro. E uma delas não existente mais, as festas realizadas nos Clubes da Nitro Química, importante referência para os moradores mais antigos, como uma das principais formas de identidade do bairro. No caderno 2 correspondem às fichas 57 a 62.

Por fim, a categoria dos ofícios apresenta três práticas citadas ao longo das entrevistas, sendo duas delas não mais existentes, aquelas ligadas ao trabalho na Nitro Química, e o mascate. E uma delas existente, o comerciante, importante figura para o bairro dada sua função comercial. São as fichas de número 63 a 65.

Assim, foram levantadas ao todo 65 referências, sendo 15 delas memória. Se forem consideradas aquelas que já não estão mais presentes no cotidiano do bairro de forma tão ativa como o eram no passado, como por exemplo o futebol, o forró, as ruínas, como a Sede Social do Clube de Regatas, representarão aproximadamente 1/3 do total. Ainda que em número não sejam tão significativas, os valores atribuídos a estas referências de memória são extremamente importantes para a compreensão dos sentidos patrimoniais do bairro, como será desenvolvido adiante.

No que diz respeito à sua localização - é interessante que a leitura seja acompanhada do mapa anexo -, é possível perceber que a maior parte das referências está concentrada na região do centro de São Miguel e proximidades

da Nitro Química. Duas delas estão distantes deste centro: as ruínas do Sítio Mirim e a Chácara Biacica. Embora não tenham sido mencionadas como referências pelos entrevistados, foram incluídas no inventário por representarem, juntamente com a Capela de São Miguel, importantes elementos que podem explicar o início da ocupação da região leste, mostrando o sentido e importância desses territórios para a cidade como um todo. Além de contribuírem com a discussão deste trabalho como bens culturais reconhecidos oficialmente.

A localização da maioria das referências na região central e arredores da Nitro Química denota a importância destes espaços como constituintes da identidade dos moradores e parecem seguir uma lógica de implantação que justifica e confirma o centro como espaço inicial de ocupação do bairro. Além disso, a presença de alguns exemplos ao longo da Avenida Marechal Tito, como o Mercado Municipal e os colégios D. Pedro I e Dário de Queiroz indicam o sentido de ocupação territorial que esta importante avenida conferiu ao tecido urbano do bairro.



68. Vista para o centro de São Miguel. À esquerda o muro do colégio D. Pedro I, em seguida a torre do relógio do Mercado Municipal, ao fundo a chaminé da Nitro Química.

Dentre as referências não localizadas no centro, o Cemitério da Saudade é um exemplo. Embora sua localização esteja distante do centro, relaciona-se com este através da Avenida Pires do Rio, uma das principais vias da região.

Além do Cemitério da Saudade, dois elementos: a Mesquita e a Casa de Brunhosinho, curiosamente duas referências ligadas a grupos específicos, as comunidades árabe e portuguesa, também não estão próximas ao centro. Quanto à implantação da Mesquita, não foi levantado nenhum dado que justificasse sua localização, além da disponibilidade do terreno, como mencionaram as entrevistadas Leila Saleh e Fátima Beydoun. Já a localização

da Casa de Brunhosinho, uma hipótese é que a família Pantaleão, responsável por fundar a Casa, se instalou nesta região e, provavelmente, construiu o espaço de práticas culturais nas localidades próximas.



69. Mesquita de São Miguel e seu entorno.



70. Casa de Brunhosinho e seu entorno.

Além destas, é interessante a existência de referências na Vila Nitro Operária. A vila é em si uma referência cultural, mas também incorpora outras referências como o futebol de várzea, e uma escola, o antigo Grupo Escolar da Vila Nitro Operária, hoje colégio Dário de Queiroz. Somente nesta vila foi possível localizar um dos locais onde se praticou o futebol de várzea, o campo pertencente ao Esporte Clube Bahia.

É possível observar que estes elementos distantes do centro foram resultantes de uma ocupação mais recente do bairro, em comparação com a ocupação pela fábrica e primeiras vilas, datadas a partir dos anos 1930.

Tanto o Cemitério da Saudade, quanto a Mesquita e a Casa de Brunhosinho, são elementos implantados em um segundo momento de crescimento do bairro, em que o tecido urbano se estendeu para além do centro. Através dos mapas e fotografias aéreas das imagens 72, 73 e 74, é possível observar este crescimento entre os anos 1940 e 1970.



71. Local onde ficava o campo do Esporte Clube Bahia, na Vila Nitro Operária.



72. Fotografia aérea do bairro em 1940.



73. Fotografia aérea do bairro em 1954.



74. Mapa do bairro em 1974.

Além disso, é importante notar que a localização das referências transpõe as divisões administrativas da região. Embora a maioria delas se concentre dentro do distrito de São Miguel Paulista, outras fazem parte de distritos como Jardim Helena, Vila Curuçá, Vila Jacuí e Ermelino Matarazzo, mostrando que o significado do bairro, a partir daquilo que as referências culturais contam, pertence à esfera do que é socialmente, e não administrativamente determinado. Por isso, as referências consideradas neste trabalho então territorializadas dentro daquilo que os cidadãos consideram como o bairro de São Miguel Paulista.

Diante disso, quais seriam então os significados destas referências culturais para o bairro, o que elas contam sobre o patrimônio, a identidade, e as memórias das pessoas que nele vivem, que universos mobilizam? Embora seu tecido urbano tenha origens no aldeamento jesuítico, São Miguel Paulista representou até o início do século XX um espaço rural da cidade de São Paulo, modificando-se em maior escala a partir da instalação da Companhia Nitro Química Brasileira.

Neste momento, a ocupação urbana do território crescerá, marcada principalmente por loteamentos para função residencial. Onde se instalarão migrantes e imigrantes atraídos para a cidade pela possibilidade de trabalho, e para o bairro pelo oferecimento de terras a baixo custo. O bairro foi onde esses imigrantes e migrantes encontraram lugar, acolhidos pelas relações de ajuda mútua. Dessa forma, São Miguel será representado como um dos espaços da cidade onde se instalou o trabalhador.

De subúrbio, como retratado por Azevedo (1945) marcado pela dupla paisagem, do bairro seiscentista de traçado irregular e construções simples no entorno da capela, e do bairro moderno, que se formou a partir da implantação da Nitro Química, com ruas de traçado regular, movimento e comércio nas ruas, passará, principalmente a partir dos anos 1950³⁹ a ser caracterizado como periferia. Um dos locais da cidade onde se dará a reprodução da força de trabalho⁴⁰. O bairro será marcado pela distância e precariedade da infraestrutura urbana, recebendo cada vez mais moradias populares.

Nesse contexto, São Miguel se desenvolverá a partir de uma dinâmica marcada tanto pelo fornecimento de equipamentos por parte da fábrica, como por parte de moradores da região, voltados para o pequeno comércio, como armazéns, farmácias, padarias, mas também por ofícios como o do mascate. Assim, São Miguel se constitui em um espaço que prescinde de outras regiões para sua sobrevivência.

³⁹ Segundo Janaína Kaecke, *Em torno das abordagens críticas ao espaço urbano: os diferentes sentidos da periferia*, 2014.

⁴⁰ Como indicado por Lúcio Kowarick, *A espoliação Urbana*, 1979.

Enquanto a Nitro Química esteve ativa, representando possibilidade de emprego, mas também lazer, educação e assistência social, as identidades e sociabilidade do bairro desenvolveram-se de forma bastante específica, em grande escala ligadas à Companhia, como mobilizadora dos sentidos de ser e estar em São Miguel. Mas, quando essa atuação passa a ser reduzida e finalizada da década de 1990, somada às dinâmicas que caracterizaram o bairro como periferia, essa relação de trabalho, lazer, assistência e moradia, responsável por criar a identidade e pertencimento àquele território, serão colocadas em questão.

A desativação dos equipamentos da Nitro Química, e também dos cinemas, se refletiram na mudança das formas como os moradores se relacionam e interpretam o bairro atualmente. Como suas vidas estiveram por aproximadamente 50 anos ligadas às funções representadas por estes equipamentos, lazer, educação, saúde, entre outras, estes elementos se tornaram os símbolos de sua identidade ao bairro. A partir do momento em que estes deixaram de existir, a forma como o bairro será vivenciado pelas pessoas se modificará. Parte destas funções será suprida pelo Estado, mas parte delas ainda se configura como uma carência, como espaços de cinemas e clubes.

No inventário é possível observar uma grande quantidade de referências ligadas diretamente e indiretamente à Nitro Química, sendo a maioria delas pertencentes ao universo da memória, rememoradas pelos entrevistados como os principais elementos que ainda dão sentido à sua vida no bairro, como formas de identidade destes grupos ali. Este fato suscita reflexões sobre a existência de um grande número de referências, inclusive que não existem mais, ligadas a uma fábrica que não está mais no cenário produtivo no bairro. É possível observar, então, que a Nitro Química, embora não exista mais como espaço de trabalho, está presente de outras formas, mobilizando ainda os sentidos de identidade ao bairro.

São Miguel Paulista, como um bairro da periferia, crescerá em cima dessas pré-existências e destas condições de espaço socialmente segregado na cidade, onde está o trabalhador das classes média e baixa. A necessidade de se criar no bairro elementos que prescindissem do centro de São Paulo continuou tendo importância para a manutenção da vida neste espaço. Assim, o comércio é atividade que se firma a partir do momento em que a Nitro Química é fechada. É hoje a principal atividade do bairro, responsável por suprir praticamente todas as necessidades da população local e dos bairros próximos.

Nesse contexto, as referências culturais apresentadas no inventário são capazes de mostrar quais são os elementos materiais e imateriais representantes das identidades de um bairro que já passou por todas estas dinâmicas, e ainda está em transformação e crescimento. Ainda que seja um espaço da periferia, a existência destes patrimônios e de sua produção cultural conferem a ele qualidades de qualquer outro espaço mais valorizado

da cidade, embora a maioria destes patrimônios não sejam reconhecidos como patrimônio oficial.

Quando se trata de reconhecimento, a presença nordestina no bairro, refletida em referências como o forró, Casas do Norte, e nomes como Avenida Nordestina, é minimizada muitas vezes por seus próprios moradores diante de outras referências, como principalmente a Capela de São Miguel Arcanjo. Como tratado no capítulo 2, os discursos construídos para o bairro, principalmente através dos tombamentos e ações exercidas por instituições externas, acabaram por invisibilizar a importância de outras manifestações culturais. A forma como algumas pessoas se relacionam com os elementos da cultura nordestina, considerando o nome da praça como Praça do Forró, da Avenida Nordestina e também o ritmo musical, como representantes de uma cultura inferior, sem valor, é um reflexo disso. Até mesmo a forma como os próprios migrantes se relacionam com essas referências demonstra esta noção. Embora suas falas retomem as identidades construídas em cima destas representações, como por exemplo com a Praça do Forró, eles não a reconhecem como patrimônio do bairro.

Como mencionado, São Miguel Paulista se configurou como um dos espaços da cidade onde moram os trabalhadores. Por isto, as referências elencadas demonstram o quanto desta função é presente nos sentidos de patrimônio no bairro. Além de representarem os espaços produtivos da Nitro Química, indicam uma série de edifícios, lugares e celebrações, como espaços de lazer e sociabilidade dos trabalhadores. Dessa forma, fica claro que o trabalho faz parte das formas de vida no bairro, por estar inserido em seu cotidiano.

Para os moradores mais antigos, esta função era representada principalmente pela Nitro Química. Como mencionado, o término da atuação da Companhia no bairro é bastante sentido pelos moradores, e se faz presente através das referências ligada a ela. A profundidade das ações da fábrica no bairro atingiu universos que foram muito além da produção industrial, criando formas de enraizamento.

Rebérioux (1992), quando trata dos lugares de memória operária, diz que os relacionamentos que se estabelecem nestes espaços inserem os trabalhadores em uma teia de relações em que se cruzam trabalho, noites nos botecos e relações familiares, fato que explica a relação reiterada dos entrevistados de referências como a fábrica, o clube, a praça, a igreja, a escola, o cinema, elementos que faziam parte do cotidiano do bairro no momento em que a fábrica esteve ativa.

Essa existência simbólica da fábrica talvez seja reforçada principalmente pelo processo de mudança que o bairro passou, em que novas dinâmicas e ações como a demolição dos equipamentos da fábrica, e abandono da Sede Social do Clube de Regatas, mobilizaram os moradores em torno do sentimento da perda.



75. Primeiro grupo de trabalhadores da Nitro Química, 1936.

As referências de muitos entrevistados a elementos que não existem mais deixam claras as relações de identidades estabelecidas. Embora em número não sejam maioria, representam algumas das principais formas de identificação ao bairro pelo significado que têm para os moradores, por isso são frequentemente rememorados. O peso dessas memórias no sentido do conjunto desse patrimônio é muito profundo.

Embora as dinâmicas do bairro tenham se modificado, sua constituição urbana ainda se mantém em grande parte. O traçado das ruas, a volumetria, a paisagem, marcada por construções de gabarito baixo⁴¹, de certa forma apresentam a manutenção de uma ambiência. A inexistência de edificações com altos gabaritos, somada à permanência de edifícios como o do Cinema Lapenna, a casa sede do Círculo Operário, lugares como a Praça Getúlio Vargas Filho, a Rua Arlindo Colaço, antiga Rua da Fábrica, a Rua Salvador de Medeiros, conhecida como Rua da Estação, mas também elementos como a portaria e o muro da nitro química, as ruínas da Sede Social do Clube, as chaminés, e até mesmo o terreno resultante de onde ficavam os equipamentos da Nitro Química, são componentes da paisagem do bairro ainda hoje.

A permanência desta ambiência permite que estes antigos elementos continuem sendo apreendidos por seus habitantes. É possível que suas memórias e identidades estejam ancoradas nessa materialidade existente, ainda carregada de sentidos simbólicos.

⁴¹ Em sua maioria construções de no máximo 3 ou 4 pavimentos. Sendo poucos os edifícios do centro com gabarito maior que este.



76. Vista superior da rua Arlindo Colaço, a Rua da Fábrica, sem data.



77. Vista superior da região do centro de São Miguel, 2017.



78. Praça Getúlio Vargas Filho, sem data.



79. Praça Getúlio Vargas Filho atualmente.

A esta discussão entre mudanças e permanências pode ser adicionada as questões sobre a Praça do Forró. A partir da fala dos entrevistados é possível perceber que os sentidos que a praça tem hoje para a população são outros, têm se modificado a partir das transformações físicas do espaço, sendo a demolição do palco para shows um importante fator nesse contexto.

Nas entrevistas foi quase unânime a consideração de que a praça não é mais importante para o bairro. Entretanto, existe ainda um senso de pertencimento com aquele local, externado principalmente pela manutenção do hábito do nome. Ainda que o espaço tenha mudado, a praça ainda dá suporte à memória dos moradores. Por isso alguns grupos reivindicam o retorno à prática do forró naquele espaço, como ilustrado pela imagem 80. Considerando que o forró é uma prática reconhecida como patrimônio nacional, seria possível pensar em uma política de salvaguarda para esta prática no bairro.

Halbwachs (1991) entende que é na resistência sobre as mudanças onde está apoiada a memória coletiva. Segundo o autor, a organização espacial faz parte do universo da memória e por isso as mudanças (como a reorganização paisagística da praça), são sentidas porque são os elementos que ligam as pessoas ao território. O autor diz que quando um espaço muda, as imagens são apagadas e é em cima destas imagens que a lembrança se constrói. Mexer nas imagens é mexer nas lembranças. E, nestas modificações, a memória coletiva apresenta resistência, o que pode explicar as considerações sobre a praça.

De alguma forma pode-se pensar que existe um sentimento de nostalgia para com estes elementos que ou não existem mais, ou têm se modificado. Mas será que representam, de fato, uma nostalgia? A falta que as pessoas sentem de equipamentos como cinemas, clubes, espaços de sociabilidade mostram o que são hoje as carências do bairro. Fato que suscita a reflexão de quais seriam atualmente os espaços de sociabilidade do bairro. A novas

dinâmicas pelas quais São Miguel vem passando desde a saída da Nitro Química parecem estar, de certa forma, suprimindo determinados espaços, colocando em questão algumas identidades, sendo a Praça do Forró um dos principais exemplos disso.



80. Reivindicação popular na Praça do Forró, 2013.

A partir destas considerações pode-se perceber a dualidade de sentidos que têm estas referências. Existe a consideração que “São Miguel mudou muito”, como dizem alguns entrevistados, mas ao mesmo tempo existem elementos que provocam rememorações, como a ambiência, mas também na manutenção de hábitos como chamar algumas ruas e praças por seus nomes populares como a Rua da Fábrica, a Rua da Estação, a Praça do Círculo Operário, a Rua do Cemitério Velho, por exemplo. Essa dualidade de percepções parece dar sentido ao enraizamento com o bairro, e ser a origem destas referências.

O patrimônio cultural de São Miguel pode ser entendido, então, a partir dos espaços de trabalho, lazer e sociabilidade, fundados no cotidiano dos moradores do bairro. Neste conjunto, os sentidos conferidos aos bens tombados, principalmente à Capela de São Miguel Arcanjo, se configuram, talvez, como um outro universo do patrimônio no bairro, justificada através da proteção oficial. Embora reconhecidos, têm pouca representação para a população como constituintes de suas identidades com o território.

A importância histórica da capela para a cidade de São Paulo é ratificada com a ação dos tombamentos. Através deste instrumento, o bem cultural se tornou um elemento singular no bairro, como a representação de seu passado seiscentista. Por outro lado, os tombamentos, juntamente com a historiografia, valorizam um momento da história do bairro que de certa forma se sobrepõem a outras questões que o inventário tenta recuperar.

O patrimônio cultural reconhecido da região pode ser interpretado como o resultado de políticas que tanto o monumentalizam, como é o caso da capela, mas também pela falta de gestão sobre eles, como é o caso do Sítio Mirim e da Chácara Biacica. Ao fazer um balanço dos valores que têm sido reconhecidos pelo tombamento, é possível observar que os lugares do trabalho, como constituintes do cotidiano dos moradores, não são considerados. De certa forma são invisibilizados a partir da valorização de outros temas, como período colonial e a industrialização, olhada estritamente a partir dos espaços produtivos.

Nesse contexto, são importantes ações que os coletivos da região vêm fazendo sobre esses espaços, colocando em discussão o significado dessas diversas camadas do território, discutindo a importância de sua apreensão nos dias de hoje.

A partir disso, pode-se pensar como será interpretado o tombamento da Nitro Química no futuro. Estas muitas referências ligadas à Nitro Química demonstram a profunda relação que as pessoas têm com a fábrica, ficando evidente na demanda pelo tombamento quando, a partir do sentimento da perda, a população se mobilizou para pedir a proteção oficial. O importante seria pensar em formas de gestão desse patrimônio de maneira a aproximá-lo à população do bairro, de fazer com que a matéria construída continue fazendo sentido para as gerações que não experienciaram a Nitro Química, seja pelo trabalho, pela assistência social, ou pelo lazer, e por isso não podem acessá-la por meio da memória. A proposta de pintura do muro da fábrica, retratando momentos da história do bairro, pode ser considerada uma ação nesse sentido. Porém, o resultado apresenta a replicação de uma narrativa oficial sobre o bairro e de seu patrimônio.

O inventário mostra que existem forças, dinâmicas, ações que de certa forma têm suprimido alguns elementos de identidade no bairro. Por isso, o sentimento que as pessoas demonstram sobre aqueles lugares, edifícios, festas que não existem mais e que não se configuram exatamente como uma nostalgia. A desativação do clube, dos cinemas, as demolições dos equipamentos, as mudanças da praça, da estação de trem foram ações que modificaram as formas das pessoas se relacionarem com o território. Nesse sentido, as rememorações são uma forma de resistência.

As ações que tem sido feitas sobre o bairro, como os tombamentos, a escrita de sua história e os desdobramentos que isso vem tendo a partir de ações externas, tem um determinado olhar para o bairro. Mas as pessoas, os intérpretes do território, representados pelos entrevistados formais e informais, apresentam outras visões possíveis. Esse inventário mostra uma tentativa de representação desse patrimônio a partir da aliança entre os elementos significativos para os sujeitos da ação, e os bens culturais reconhecidos oficialmente. A importância de se considerar os bens tombados do período colonial está na possibilidade de trazê-los para a discussão atual.

De uma forma geral, este inventário busca mostrar que as referências culturais no bairro de São Miguel Paulista representam elementos cujos significados ultrapassam as concepções canônicas de patrimônio como aquilo que é monumental, excepcional, e representante de culturas ou grupos sociais que habitam espaços valorizados da cidade. Os sentidos do patrimônio no bairro estão muito ligados ao universo do trabalho como parte do cotidiano dos moradores, como sua forma de vida. Por isso foi importante olhar além da materialidade dos exemplares edificados e buscar seus sentidos no âmbito das práticas sociais, identificando também lugares, e manifestações culturais, que representam não somente a importância do território, mas principalmente a interrelação que existe entre este e as pessoas.

Considerações finais

Este trabalho é uma tentativa de entendimento do patrimônio cultural de São Miguel Paulista a partir do conceito da referência cultural. Sua utilização contribuiu para compreensão sobre o patrimônio de forma ampliada, permitindo olhar para conjunto de manifestações a partir dos sentidos atribuídos a elas pelos grupos sociais, para além daqueles reconhecidos por meio do tombamento.

A compreensão destas referências culturais demandou a superação de noções já estabelecidas sobre o patrimônio, direcionando o olhar para o que é comum, cotidiano, imaterial, e não somente para o que é excepcional, construído. Sinaliza a importância do patrimônio entendido como uma prática social que se dá no nível do cotidiano, como desenvolvido por Meneses (2005).

Assim, através da pesquisa bibliográfica, aplicação do conceito e realização de entrevistas, foi possível chegar até as referências culturais, apresentadas em forma de inventário. Conforme refletido ao longo do trabalho, o conjunto destas referências representa um outro universo de significados, de lugares, de edifícios, de manifestações culturais, existentes e da memória, que dão sentido à vida e compõem as identidades dos sujeitos sociais no bairro. A partir delas se tornou evidente a importância que o universo do trabalho, como componente do cotidiano, tem para a os sentidos da vida do morador de São Miguel.

Além disso, buscou-se refletir sobre os significados dos bens culturais já reconhecidos oficialmente para os sujeitos sociais, considerando os diferentes discursos, olhares e ações sobre eles. A partir desta reflexão, ficou clara a maneira como agentes externos e internos atuam sobre esses locais. E que, de certa forma, o “discurso do patrimônio autorizado” está interiorizado em algumas ações e na forma como são reconhecidos pelos sujeitos sociais.

Os elementos sobre os quais se atribui valor por parte dos sujeitos demonstram que existe um conjunto de referências que vai além dos bens tombados. Mas por que ainda não se olhou para esse patrimônio? Por que ainda não houve preocupação oficial em prever formas de preservação a ele? Por que algumas coisas são mais patrimônio que outras coisas?

Diante disso, a proposta deste trabalho constrói-se sob o objetivo de sinalizar a importância destes outros patrimônios, suscitando reflexões sobre formas para garantir sua preservação. Como considerado por Fonseca (2000), o inventário é um instrumento de proteção a partir da identificação destes elementos, fornecendo bases para ações futuras de sua preservação.

O que seria, então, uma política de preservação para o patrimônio apresentado? Quais seriam as diretrizes a nível do Plano Diretor capazes de conjugar o desenvolvimento à importância destas memórias e identidades ligadas a edifícios, locais, formas de expressão e celebrações, como componentes daquilo que dá sentido à vida no bairro? Sem que estas identidades sejam minimizadas ou invisibilizadas por determinadas ações, como as intervenções realizadas na Praça do Forró.

As questões ligadas à Praça do Forró ficaram muito evidentes ao longo do trabalho, principalmente a partir da percepção de que aquele espaço vem perdendo importância para os moradores, como resultado das intervenções realizadas. Quais seriam formas de se fazer com que aquele espaço volte a ser considerado importante? Será que a reformulação daquele espaço retomaria uma ambiência como espaço de sociabilidade?

Segundo Fonseca (2000), as referências culturais ligadas às práticas sociais devem ser preservadas não por sua autenticidade, ou em busca dela, mas pela própria prática. O foco de intervenções na praça, e no bairro como um todo, deveriam atentar para seus próprios moradores como produtores e consumidores deste patrimônio, como os principais beneficiados de uma política de preservação.

Segundo Meneses (1978), preservar é uma forma de resistência e apropriação, contra as forças econômicas que reduzem os espaços a mercadorias. Nesse sentido, a apropriação pública dos espaços é uma forma de preservação. Reflexão que pode ser aplicada às formas de gestão sobre a Capela de São Miguel Arcanjo. Estaria ela sendo preservada, já que segregada da praça e dos moradores? A preservação, segundo o autor, deveria ser interpretada como um caminho para o desenvolvimento, e não seu entrave.

Este trabalho mostra que a periferia também deve ser considerada quando se trata de patrimônio, embora existam preconceitos e estigmas sobre este lugar, em que seu valor como espaço de produção cultural é minimizado diante de outras áreas mais valorizadas da cidade. É preciso olhar para estes bairros, para estas pessoas, para esta cultura, para estes outros patrimônios. Abrindo espaço para que estes grupos possam participar desse processo de construção e apropriação de seu patrimônio cultural, como sinalizado por Fonseca (2009).

Nos dois cadernos que compõem o Trabalho Final de Graduação estão apresentados os resultados de um trabalho realizado durante um ano, dentro das capacidades e limitações que competem ao seu escopo. Este levantamento, ainda que construído em um tempo curto, já apresenta um grande número de referências culturais no bairro relativas aos grupos pesquisados, ficando para possibilidades futuras aprofundamentos em outras especificidades e grupos identitários não abarcados. Dessa forma, não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida, a indicação de um caminho em busca da identificação deste patrimônio, com o objetivo

de defender sua valorização.

Para finalizar, retomo as palavras de Ulpiano Bezerra de Meneses, pois elas simbolizam o prazer e os desafios de realizar este trabalho:

[...] a atividade no campo do patrimônio cultural é complexa, delicada e trabalhosa. Exige postura crítica rigorosa. Exige capacidade de ir além de suas próprias referências pessoais. Mais por isso também é tão fascinante e gratificante, pois estamos tratando, não de coisas, mas daquela matéria-prima - os significados, os valores, a consciência, as aspirações e desejos - que fazem de nós, precisamente, seres humanos. (MENESES, 2009, p. 39)

Relação de entrevistados

Antônia Sarah Aziz Rocha, 69 anos - entrevista realizada em 16 mar. 2017.

Cícera Ferreira Manso, 81 anos - entrevista realizada em 19 mar. 2017.

Edvaldo de Santana Braga, 61 anos - entrevista realizada em 14 mar. 2017.

Elza Ferreira da Silva, 76 anos - entrevista realizada em 19 mar. 2017.

Escobar Franelas, 48 anos - entrevista realizada em 15 fev. 2017.

Luíza Zuim de Araújo, 81 anos - entrevista realizada em 25 fev. 2017.

Fátima Darwiche Beydoun, 60 anos - entrevista realizada em 20 mar. 2017.

Ivon Pinheiro de Souza, 60 anos - entrevista realizada em 22 mar. 2017.

João Alberto dos Santos, 66 anos - entrevista realizada em 18 fev. 2017.

Leila Saleh, 69 anos - entrevista realizada em 20 mar. 2017.

Manoel Barbosa da Silva, 88 anos - entrevista realizada em 15 fev. 2017.

Orlando Ricardo Fonseca, 78 anos - entrevista realizada em 18 fev. 2017.

Pedro Moreira Leite, 58 anos - entrevista realizada em 13 mar. 2017.

Pedro Piassi Filho, 85 anos - entrevista realizada em 7 mar. 2017.

Sueli Kimura - entrevista realizada em 12 mar. 2017.

Tizuko Mikan, 65 anos - entrevista realizada em 16 mar. 2017.

Walmira Luz da Silva, 90 anos - entrevista realizada em 25 fev. 2017.

Além destes, foi realizada uma conversa com o antropólogo Antônio Augusto Arantes, em 14 de mar. 2017.

Referências das imagens

1. Moradoras da Vila Nitroperária. Foto: Joselma Manso de Oliveira, 1979. Fonte: acervo pessoal de Valdimeres Manso da Costa.
2. Fonte: Mapa Digital da Cidade. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em: 5 jun. 2017.
3. Fonte: Mapa Digital da Cidade. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em: 5 jun. 2017.
4. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
5. Fonte: Azevedo, *Subúrbios orientais de São Paulo*, 1945, p. 126.
6. Fonte: Azevedo, *Subúrbios orientais de São Paulo*, 1945, p.132. Adaptado pela autora.
7. Fonte: Azevedo, *Subúrbios orientais de São Paulo*, 1945, p.133.
8. Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim.
9. Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim.
10. Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim.
11. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
12. Fonte: acervo da Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1943.jpg>. Acesso em: 13 mai. 2017.
13. Fonte: Mapa Digital da Cidade. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em: 5 jun. 2017.
14. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
15. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 12 mai. 2017.
16. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.

17. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 12 mai. 2017.
18. Fonte: Google Earth, 2017.
19. Fonte: São Paulo Turismo. Disponível em: <<http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/o-que-visitar/roteiros/roteiros-tematicos/zona-leste>>. Acesso em: 10 mai. 2017.
20. Ariane Andrade, 2016. Fonte: Acontece Agora online. Disponível em: <<http://aconteceagora.com.br/nitro-quimica-grafta-no-muro-historia-de-sao-miguel/>>. Acesso em: 31 mai. 2017.
21. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
22. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
23. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
24. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
25. Autor desconhecido. Fonte: São Paulo Turismo, 2015. Disponível em: <<http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/museus/4505-museus-museu-da-capela-de-sao-miguel-arcangelo>>. Acesso em: 17 mai. 2017.
26. Fonte: Conpresp, Resolução 10/2012. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/1012mapa_1339439652.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2017.
27. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
28. Conpresp, *Estudo para abertura de tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira*, 2010. Processo nº 2003-0.077.479-2.
29. Conpresp, *Estudo para abertura de tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira*, 2010. Processo nº 2003-0.077.479-2.
30. Mauro Bonfim, anos 2000. Fonte: Central Leste Notícias. Disponível: <http://itaimpaulista.com.br/portal/index.php?secao=news&id_noticia=2615&subsecao=16>. Acesso em: 18 mai. 2017.
31. Fonte: Google Maps, 2017.
32. Akira Yamasaki, 1979. Fonte: Acervo pessoal do autor. Cedido à autora.
33. Autor desconhecido. Fonte: Notas de São Miguel. Disponível em: <<http://notasdesaomiguel.blogspot.com.br/2010/04/os-bons-tempos-votaram-os-bons-tempos.html>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

34. Autor desconhecido. Fonte: Notas de São Miguel. Disponível em: <<http://notasdesaomiguel.blogspot.com.br/2010/04/os-bons-tempos-votaram-os-bons-tempos.html>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
35. Autor desconhecido, 2017. Fonte: Movimento Aliança na Praça. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoAliancadaPraca/?fref=ts>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
36. Autor desconhecido, 2017. Fonte: Movimento Aliança na Praça. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoAliancadaPraca/?fref=ts>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
37. Autor desconhecido, 2017. Fonte: Movimento Aliança na Praça. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoAliancadaPraca/?fref=ts>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
38. Fonte: Fundação Tide Setúbal, *Almanaque: Um olhar sobre São Miguel Paulista. Manifestações culturais, ontem e hoje*, 2008, capa. Disponível em: <<http://www.fundacaotidesetubal.org.br/downloads/getFile/246/almanaque-um-olhar-sobre-sao-miguel-paulista-manifestacoes-culturais-ontem-e-hoje>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
39. Fonte: Fundação Tide Setúbal, *Almanaque: Um olhar sobre São Miguel Paulista. Manifestações culturais, ontem e hoje*, 2008, p.5. Disponível em: <<http://www.fundacaotidesetubal.org.br/downloads/getFile/246/almanaque-um-olhar-sobre-sao-miguel-paulista-manifestacoes-culturais-ontem-e-hoje>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
40. Fonte: Almeida, *Territórios de Ururay*, 2016, capa.
41. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 17 mai. 2017.
42. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
43. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 17 mai. 2017.
44. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 17 mai. 2017.
45. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
46. Joselma Manso de Oliveira, 1982. Fonte: acervo pessoal de Valdimeres Manso da Costa.
47. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

48. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
49. Valéria Blick, sem data. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
50. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
51. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
52. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
53. Fonte: Google Earth, 2017.
54. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
55. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
56. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
57. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
58. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
59. Luís Adorno, sem data. Fonte: Portal Itaim Paulista. Disponível em: <http://www.itaimpaulista.com.br/portal/?secao=news&id_noticia=2651&subsecao=>. Acesso em: 30 mar. 2017.
60. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
61. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
62. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
63. Rada Jamil Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
64. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
65. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
66. Autor desconhecido. Fonte: Revista eletrônica de São Miguel. Disponível em: <<http://revistaeletronicadesaomiguel.blogspot.com.br/2011/04/associacao-cultural-e-desportiva-nikkei.html>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
67. Autor desconhecido. Fonte: Casa de Brunhosinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/brunhosinho/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 20 mai. 2017.

- 68. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- 69. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- 70. Fonte: Google Street View, 2017.
- 71. Yasmin Darviche, 2017. Fonte: acervo pessoal da autora.
- 72. Fonte: Mapa Digital da Cidade. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em: 5 jun. 2017.
- 73. Fonte: Mapa Digital da Cidade. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em: 5 jun. 2017.
- 74. Fonte: Cesad-FAU.
- 75. Autor desconhecido. Fonte: acervo Memória Votorantim.
- 76. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- 77. Fonte: Google Earth, 2017.
- 78. Autor desconhecido. Fonte: São Miguel Paulista Blogspot. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- 79. Fonte: Google Earth, 2017.
- 80. Vander Ramos, 2013. Fonte: <http://www.itaimpaulista.com.br/portal/index.php?secao=news&subsecao=16&id_noticia=2299>. Acesso em: 20 mai. 2017.

Referências bibliográficas

- ABREU, Ivanir Reis Neves. *Convênio Escolar: utopia construída*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-13052010-152451/pt-br.php>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Orais*, v. 2. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- _____. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ALMEIDA, Patrícia Freire de; MARCELINO, Júlio César José & NETO João Luiz de Brito (orgs.). *Movimentações pela cultura: um painel dos movimentos culturais da região Leste de São Paulo (1980-1990)*. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2014.
- ALMEIDA, Patrícia Freire de (org.). *Territórios de Ururay*. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2016.
- ARANTES, Antônio Augusto & ANDRADE, Marília de. A demanda da igreja velha: análise de um conflito entre artistas populares e órgãos de Estado. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 24, p. 97-107, janeiro/dezembro, 1981. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110970/109316>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- _____. On the crossroads of preservation: revitalizing São Miguel chapel in a working class district of São Paulo. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 95-133, janeiro/junho, 2013. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v10n1/antonio-a-arantes-on-the-crossroads-of-preservation/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- _____. *Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista*. São Paulo, 1978, (mimeo.).
- _____. Revitalização da capela de São Miguel Paulista. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 149-174.
- AZEVEDO, Aroldo Edgar de. *Subúrbios orientais de São Paulo*. Tese (cadeira de Geografia do Brasil) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- BOMTEMPI, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Oficinas de Artes Gráficas Bisordi S.A, 1970. (Coleção História dos Bairros de São Paulo. Prefeitura Municipal - Secretaria da Educação de Cultura, v. VII).

BONDUKI, Nabil Georges & ROLNIK, Raquel. *Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho*. Programa de estudos em demografia e urbanização: cadernos de estudo e pesquisa - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1979.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONPRESP. *Estudo para abertura de tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura, 2010.

CONPRESP. *Estudo para abertura de tombamento da Companhia Nitro Química Brasileira*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal de Cultura, 2011.

FERREIRA, Avany de Francisco & MELLO, Mirela Gieger de. *Arquitetura Escolar Paulista, anos 1950 e 1960*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2006.

FERREIRA, Carlos Alberto Prata. *São Miguel Paulista, 391 anos, 391 fotos*. São Paulo: Editora Do Autor, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo. Trajetória Política Federal de Preservação no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ/Minc/IPHAN, 1997.

_____. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 59-79. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33707936/Para_alem_da_pedra_e_cal_-_por_uma_concepcao_ampla_de_patrimonio_cultural.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1496684716&Signature=D%2BXnlf2ccPuZ%2FmUqbXf%2Fxfjcgfb4%3D&response-content-disposition=inline%3B%-20filename%3DPara_alem_da_pedra_e_cal_-_por_uma_conce.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2017.

_____. Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. *Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação*. Brasília, IPHAN/MinC/DID, 2000.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. *Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

FUNDAÇÃO TIDE SETÚBAL. *Almanaque: Um olhar sobre São Miguel Paulista. Manifestações culturais, ontem e hoje*. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.fundacaotidesetubal.org.br/downloads/getFile/246/almanaque-um-olhar-sobre-sao-miguel-paulista-manifestacoes-culturais-ontem-e-hoje>>. Acesso em 3 set. 2016.

GONÇALVES, Cristiane. *Metodologia para restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e o espaço. In: HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, 1990. p. 90-111.

HARTOG, François. Patrimônio e presente. In: *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 193-245. (Coleção História e Historiografia).

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Inventário Nacional de Referências Culturais do Bom Retiro: Multiculturalismo em Situação Urbana*. Brasília, IPHAN/MinC, 2009.

_____. *Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação*. Brasília, IPHAN/MinC/DID, 2000. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2017

_____. *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação*. Brasília, IPHAN /MinC, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

KAECKE, Janaína de Moraes. *Em torno das abordagens críticas ao espaço urbano: os diferentes sentidos da periferia*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-17042015-181935/pt-br.php>>. Acesso em 10 nov. 2016.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Estudos Brasileiros, v.44).

KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. *Revista Eletrônica do IPHAN*, Dossiê Herança Industrial, Brasília, v. 4, p. 1-7, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrimonio.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A Cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. *Patrimônio: atualizando o debate*. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 31-53, 2006.

_____. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP*, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.

_____. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão*. Ouro Preto: Iphan, v.1, p. 25-39, 2009.

_____. O Patrimônio Cultural entre o Público e o Privado. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 189-194.

_____. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99.

_____. Patrimônio ambiental urbano: do lugar comum ao lugar de todos. *CJ Arquitetura*, v. 19, p. 45-46, 1978.

MORCELLI, Danilo da Costa. *Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do rio Tietê*. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2013.

MOTTA, Lia. *Sítios Urbanos e Referência Cultural: o caso exemplar da Maré*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

NASCIMENTO, Flavia Brito do & SCIFONI, Simone. Lugares de memória: trabalho, cotidiano e moradia. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 7, n. 13, p. 69-82, julho/dezembro 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/6306>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

PAIVA, Odair da Cruz. Territórios da migração na cidade de São Paulo. In: PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX*. São Paulo, Arquivo Público do Estado, 2013. p.131- 147. (Coleção Ensino & Memória).

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.200-212, 1992.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p.3-15, 1989.

REBÉRIOUX, Madeleine. Lugares da memória operária. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 47-56.

REIS, Philippe Arthur dos (org.). *Passeando Pelas Ruas: Reflexões sobre o patrimônio paulistano*. São Paulo: Passeando Pelas Ruas, 2017.

ROCHA, Antônia Sarah Aziz. *O bairro à sombra da chaminé. Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Cia Nitro Química de São Miguel Paulista (1935-1960)*. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação do patrimônio industrial na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SAIA, Luís. O alpendre nas capelas brasileiras. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, v.3, p. 235-250, 1939. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat03_m.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SÃO PAULO TURISMO. *Roteiros temáticos. Zona Leste*. São Paulo: 2015.

SEABRA, Odette Carvalho L. *Urbanização e fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade e em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão*. Tese (Livre Docência em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.

SMITH, Laurajane. The discourse of heritage. In: *Uses of Heritage*. Londres: Routledge Taylor & Francis Group, 2006. p. 11-43.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.) *Memória do Movimento Popular de Arte do bairro de São Miguel: cultura, arte e educação*. São Paulo, Núcleo de Estudos de Sociologia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1987.

TONAKI, Luciana Lepe. *A Companhia Nitro Química Brasileira: indústria e vila operária em São Miguel Paulista*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-28042014-152126/pt-br.php>>. Acesso em 18 ago. 2016.

VIANA, Myrna Therezinha Rego. *São Miguel Paulista. O chão dos desterrados: um estudo de migração e de urbanização*. Tese (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1982.

Documentos

BRASIL, Constituição Federal, 1988, Artigo 216. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp>. Acesso em: 11 jun. 2017.

BRASIL, Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 11 jun. 2017.

BRASIL, Decreto n. 3551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 11 jun. 2017.

CONPRESP, Processo de Tombamento n. 2003-0.077.479-2, Companhia Nitro Química Brasileira.

IPHAN, Processo de Tombamento n. 0180-T-38, Capela de São Miguel Arcanjo.

Periódicos

Nitro Notícias. Maio, 1989.

Nitro Notícias. Julho/agosto, 1989.

Nitro Notícias. Setembro/outubro, 1989.

Nitro Notícias. Novembro, 1989.

Nitro Notícias. Março/abril, 1990.

Nitro Notícias. Maio/junho, 1990.

Nitro Notícias. Julho/agosto, 1990.

Nitro Notícias. Setembro/outubro, 1990.

Nitro Notícias. Janeiro/fevereiro, 1991.

Sites

www.centrallestedenoticias.com.br

www.saomiguelpaulista.com.br/portal

www.facebook.com/saomiguel.paulistablogspot

www.portal.iphan.gov.br

www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpresp/legislacao/resolucoes/index.php?p=1137

www.fundacaotidesetubal.org.br

www.ururaypatrimoniocultural.blogspot.com.br

www.geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

